

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

**MARILETE LEAL KUHN**

**Modos contemporâneos de ser amigo:  
um estudo sobre amizade a partir do *orkut***

**Porto Alegre  
2010**

**MARILETE LEAL KUHN**

**MODOS CONTEMPORÂNEOS DE SER AMIGO:  
UM ESTUDO SOBRE AMIZADE A PARTIR DO ORKUT**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):  
Fernando Favaretto**

**Porto Alegre  
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

**Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:** Profa. Rosa Maria Vicari

**Coordenador(as) do curso de Especialização em Mídias na Educação:** Profas. Rosa Vicari e Liane Margarida Rockenbach Tarouco

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus amados filhos como presente por minhas horas de ausência junto deles, pela paciência e cooperação que mesmo tão jovens demonstraram

Também não poderia faltar uma dedicatória ao meu marido Ronaldo, que me acompanhou em mais esse desafio;

Igualmente merece este, a pessoa que me ensinou o valor do conhecimento: minha mãe – Maria Emília.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, em especial aos meus três filhos, Matheus, Leonardo e Ana Carolina, que desde muito cedo acompanham meus estudos.

Ao meu marido, Ronaldo, principalmente pela paciência e colaboração em meus momentos de ausência e introspecção.

À minha mãe, Maria Emília, a pessoa que me educou com princípios que me fazem ter muita persistência e determinação na construção de conhecimentos para a vida.

Ao orientador Fernando Favaretto, incansável na motivação, disponível para ajudar em fim, decisivo na construção deste trabalho

A Deus pela bênção das oportunidades que sempre vem colocando em meu caminho.

Aos professores do curso muito tiveram maestria para incentivar-me na aprendizagem EAD.

A UFRGS pela oportunidade desse curso de especialização, que me muito está contribuindo para minha atuação profissional.

Aos colegas professores de minha escola, pois mesmo sem eles perceberem, via em suas falas muitos motivos para continuar estudando.

Aos alunos que através do convívio diário instigam à melhoria da prática pedagógica e pelos convites de amizade enviados através do Orkut que me inspiraram escolher o tema desse trabalho.

## RESUMO

Em tempos que a tecnologia ocupa cada vez mais espaço em nossas vidas, como é visto o conceito de amizade? Na internet, no site de relacionamento Orkut o que significa para os adolescentes entre 12 e 15 anos ter amigos? A partir dessas indagações oriundas da observação de alunos nos recreios de uma escola esse trabalho foi organizado. Inicia falando da escola e seus principais componentes: professores e alunos. Desenvolve-se analisando as comunidades reais e virtuais e chega ao seu ponto principal que é a conceitualização da amizade no Orkut. Para isso, foi utilizada revisão bibliográfica, pesquisa através de questionário e análise de falas tanto de professores quanto de alunos sobre o assunto. As informações do aporte referencial e dos sujeitos pesquisados permitiram o alcance do objetivo, mesmo esse não sendo algo estático, pronto e acabado. Esse trabalho pode auxiliar na compreensão de como os alunos estão se relacionando atualmente e aponta também para a importância dos professores estarem atentos a utilização das mídias e tecnologias na educação. Com a expectativa de contribuir com o processo ensino-aprendizagem dentro das escolas estendem-se estas páginas nas quais as relações humanas são priorizadas na construção de saberes que poderão ser multiplicados por alunos e professores que aceitam os desafios e constroem conhecimentos a partir deles.

**Palavras-chave:** escola, mídia, amizade, Orkut.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	9
<b>2 A ESCOLA E SEUS AMBIENTES</b> .....	14
2.1 Professores ou educadores, alunos ou educandos .....	20
<b>3 DE COMUNIDADES REAIS A COMUNIDADES VIRTUAIS</b> .....	28
3.1 Um pouco sobre comunidades reais .....	28
3.2 Um pouco sobre comunidades virtuais .....	33
<b>4 REFLEXÕES SOBRE AMIZADE</b> .....	42
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	55
<b>6 REFLEXÕES SOBRE A AMIZADE NO ORKUT</b> .....	55
6.1 Como definir amizade atualmente? .....	58
<b>7 CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES</b> .....	60
<b>8 BIBLIOGRAFIA</b> .....	66

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EAD	Educação à Distância
CMC	Comunicação Mediada por Computador
IRC	Internet Relay Chat
MUD	Muti-user Dungeon
RPG	Role Playing Game
RS	Rio Grande do Sul
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul



## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A área da Educação em minha vida profissional foi de início um mero acaso. Fiz o Ensino Médio de noite e trabalhando num minimercado de dia. Sempre desacomodada ou incomodada em ser dependente de alguém para me manter, percebi que nessa área as possibilidades de crescimento intelectual, financeiro e realização profissional eram quase inexistentes. Surgiu então, um convite de uma colega formada comigo no Ensino Médio de fazermos Magistério. Aceitei, mas confesso fiquei me perguntando quais meus objetivos, para quê esse curso. Tive colegas de todas as idades, pensamentos e objetivos. Algumas já exerciam a profissão como “leigos”. Isso foi bom e ruim. Explico: desde aí já senti que o significado “ser professor” é diferente para cada profissional.

Bom, passei todas as etapas desse curso de Magistério e no estágio final comecei a minha trajetória na Educação. Confesso que, várias vezes, analisei as condições, as frustrações, os desencontros principalmente entre o que esperava da escola como um todo e do que realmente acontece na sala de aula e pensei em desistir. Porém, diferente de meu outro trabalho senti que nesse algo mais poderia acrescentar em minha vida. Foi na relação com as crianças que decidi que apesar das perspectivas financeiras não serem motivantes, havia outro lado que poderia compensar muito a minha vida. Falo do lado humano de estar aprendendo e ensinando o tempo todo. Essa foi a minha motivação para continuar como professora.

Estou dentro da escola há mais de 14 anos. Fiz o curso de Magistério em 1992. A partir daí passei em Concurso público e comecei a lecionar. Iniciei com uma turma de 1ª série (dizem que é a turma de toda a novata). Tive algumas dificuldades iniciais, muita angústia até ver aquelas crianças alfabetizadas. Continuei em sala de aula por vários anos, quase sempre na alfabetização ou oscilando nesse entorno. Em 1996/1 fiz vestibular na Unisinos - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - e iniciei o curso de Pedagogia.

A faculdade foi outra etapa da vida, pois logo que entrei, já no 1º semestre descobri que seria mãe do Matheus. Continuei meus estudos e dois anos depois ainda na faculdade tive meu segundo filho Leonardo. Diante de uma reviravolta total e de uma carga de trabalho bastante grande, avalio que apesar de alguns sacrifícios pessoais sempre tive pessoas que me ajudaram e não deixaram que desistisse. Minha formatura foi em 2002/1. Após esse momento eu havia prometido que apenas iria trabalhar e curtir minha família.

Em 2005 surgiu uma oportunidade de fazer um curso de Pós-graduação. Os encontros presenciais seriam todas as segundas-feiras. Aceitei novamente o desafio e iniciei o curso de Educação Inclusiva pela Universidade Castelo Branco do Rio de Janeiro. Outra etapa, outro estágio..., mas a história novamente se repete. Estudos, trabalho e a família aumentam de novo, está a caminho a Ana Carolina, minha princesa.

Esse curso e essa etapa da vida me fizeram repensar tudo. Afinal, o que é ser especial? Quem é especial? Fiz o curso, aprendi muito, revi conceitos, reavaliei minha prática, minha vida, em fim, foi mais uma etapa que acrescentou muita reflexão e qualidade ao meu trabalho como educadora.

No ano de 2008, a colega responsável pelo Laboratório de Informática da escola onde trabalho, ao participar dos encontros de formação oferecidos pelo município, trouxe a programação e a notícia de que mais professores, além dela, poderiam (deveriam) se inscrever no Curso Mídias na Educação, oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, oferecido na modalidade Educação a Distância, EAD, em parceria com o Ministério da Educação e Cultura. Dessa forma, iniciei pelo módulo básico desse curso.

No início, fiquei bem perdida, pois a maioria do público participante já tinha uma caminhada em suas escolas, principalmente os Laboratórios de Informática. Outras colegas como eu, também referiam nos fóruns de participação a mesma posição minha de querer/precisar aprender sobre como utilizar as mídias na escola em favor da aprendizagem. Certamente, apesar de todos os fatores que, às vezes, nos fazem perguntar do porquê de certas ações, a aprendizagem, a descoberta e os desafios foram grandes e produtivos, tanto que ao surgir a possibilidade de continuação do curso, decidimos, eu e outros colegas que estaríamos de novo estudando, aprendendo, discutindo.

Iniciei o curso Mídias e Educação, modalidade Educação a Distância – EAD- em 2008. Esse curso é a oportunidade de formação para nós professores que precisamos para superar o desafio de utilizar às mídias dentro da escola. Participar desse processo de um modo menos desconfiado, mais aceito, mais entendido percebendo as contribuições que elas podem trazer para que todo o processo educativo seja mais efetivo e sucesso. Refiro-me ao sucesso além da permanência do aluno na escola. Falo do processo de ensino e aprendizagem em todas as suas dimensões

Nessa etapa do curso, fomos divididos em cidades pólos. Eu e meus colegas ficamos no pólo da cidade de Estrela. A dinâmica do curso se manteve parecida, porém nessa etapa tivemos encontros presenciais a cada três meses (nos fechamentos de cada disciplina) e o acompanhamento/ajuda de um tutor/professor que foi importantíssimo em todos os momentos do curso. O professor/tutor, Fernando Favaretto, sempre esteve atento, motivou, sugeriu encaminhou. Enfim, fez o seu papel com dedicação, competência e sempre demonstrou muito carinho com seus alunos. De toda essa etapa, surge esse desafio que é a produção dessa monografia

Durante o curso de Especialização realizamos alguns trabalhos em grupo. Um deles foi um artigo, outro um projeto. Nesse caso, eu e minha colega montamos um proposta de implantação do rádio na escola. Esse projeto deverá ser executado no ano que vem, pois já está incluído nas propostas de projetos para o ano de 2011.

O projeto “Rádio na Escola” ficou bem interessante, mas como foi realizado em dupla eu e minha colega decidimos que ela faria a monografia sobre esse tema. Dessa forma, voltei meus interesses ao tema da amizade no Orkut, pois frequentemente recebo “convites de amizade” dos alunos e isso me deixa “incomodada”, para refletir sobre seus objetivos ao participar desse site de relacionamentos. Será que eles buscam “amigos”?

O tema sobre amizade no Orkut, ao despertar minha curiosidade, também me fez buscar dialogar com esses alunos, pois a maioria deles têm pouco acesso à internet, mas conhecem ou já ouviram falar do Orkut. Aqueles que ainda não tiveram oportunidade de fazer um perfil comentam que farão assim que puderem.

No meu caso, raramente eu acesso o Orkut. As mensagens, dificilmente, respondo. Recebo as atualizações de todos que fazem parte de minha rede, acho interessante, pois parece que, dessa forma, sei um pouco da vida deles. Não participo das “novas ondas” do site, tipo “fazenda”, enfim meu perfil está lá e bem restrito, mas mesmo assim os adolescentes me descobriram e insistem em me convidar para ser sua “amiga”.

Diante disso, fico me perguntando “porque os adolescentes enviam os convites de amizade?”, “Por que essa rede de relacionamento desperta tanto o fascínio dos adolescentes a ponto deles alterarem as suas datas de nascimento para terem o perfil aceito?” Qual o entendimento dos pais em relação a esse fascínio dos filhos? Qual o entendimento de amizade que eles têm quando fazem o convite?

Várias perguntas surgiram e comecei a estudar em busca de respostas/entendimentos sobre esse tema. Buscarei nos livros, em revistas, em teses de Mestrado e Doutorado minhas amarrações e entendimentos. Também utilizarei pesquisa em forma de questionário, tanto para os alunos quanto para os professores responderem. Assim, lanço-me ao desafio onde certezas e incertezas certamente, não terão lugares fixos.

Esse trabalho está organizado em oito capítulos. No primeiro capítulo faço um apanhado sobre minha vida profissional, os principais caminhos que percorri para me tornar professora e explico como foi que tomei conhecimento

sobre o Curso Mídias na Educação. No segundo capítulo trago uma abordagem sobre a escola e seus ambientes. Falo, no início, da escola de modo geral e em seguida passo a escrever sobre a escola onde trabalho.

O capítulo três traz breve análise da formação das comunidades reais e virtuais. Busco um breve apanhado histórico referindo as idéias de Platão, Aristóteles, entre outros que contribuíram para a construção de conceitos relacionados às comunidades

A partir do quarto capítulo inicia um maior foco sobre a amizade. Busco em filósofos antigos conceitos sobre amizade e procuro mostrar algumas mudanças ocorridas em diferentes fases da História. Nesse capítulo e no próximo faço várias referências à tese de Doutorado de Suzana Schwertner, cujo trabalho, intitulado *Laços de Amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital*, em vários momentos se entrelaça com o meu interesse de pesquisa e através dele consegui elementos enriquecedores sobre a amizade na contemporaneidade.

No quinto capítulo, apresento os questionários aplicados aos adolescentes de 12 a 15 anos de uma escola municipal do interior do município de Montenegro-RS e aos professores da mesma instituição. Procuro perceber, entre outras coisas, o que eles pensam sobre a amizade real e virtual no site de relacionamento Orkut.

O sexto capítulo aborda a amizade no site de relacionamento Orkut. Nesse capítulo há reflexões sobre a amizade na contemporaneidade e a análise das respostas do questionário respondido por adolescentes e professores sobre o tema.

Nas considerações finais são feitas amarrações sobre o conceito de amizade e o Orkut. Retomo perguntas realizadas ao longo da monografia e busco apontar reflexões sobre a amizade na contemporaneidade, especialmente no Orkut. Acredito que essas reflexões podem contribuir para a educação e também para as relações humanas, pois sinaliza que estamos desafiados a repensar as novas formas de “ser amigo” aceitando que o acesso a tecnologia interfere nas nossas formas de relacionamentos na contemporaneidade.

## 2 A ESCOLA E OS AMBIENTES

Desde o início da minha trajetória como professora já foi possível perceber que educar/ensinar não é tarefa fácil. A escola para mim sempre foi “a chance de uma vida melhor”. Minha mãe se dedicou aos filhos e ensinou o valor do conhecimento, também sempre valorizou a escola e os professores, apesar de ser semi-analfabeta.

Interessante que ao começar a alfabetizar e ter as primeiras frustrações comecei a perceber que, o que a escola era/é/foi para mim, não era regra para muitos (acho que tinha uma visão romântica). Ao falar com algumas famílias (principalmente com aquelas que as crianças estavam com “dificuldades”) foi possível ver que a escola era apenas uma obrigação. Ao buscar motivar a família para ajudar a criança a alfabetizar-se e conseqüentemente meu trabalho alcançar o objetivo, ouvi muitas frases tipo “foi assim comigo”, “ele é cabeça dura como eu, não aprende”

Da prática constante como professora fui percebendo que apenas a minha vontade de ensinar aquelas crianças não era suficiente para que isso acontecesse. O processo de ensino e aprendizagem é uma engrenagem que precisa estar em constante ajuste, pois está sempre em movimento, uma vez que funciona em meio às relações humanas. E a escola como um todo, o que vem fazendo para atualizar-se?

“A escola é pouco atraente” afirma Moran (2007, p. 7) e a confirmação aparece no dia a dia traduzidos nos acontecimentos diários no ambiente escolar. Alunos desmotivados, professores reclamando enfim, uma grande

instabilidade instala-se nesse ambiente. O porquê disso tudo? A escola tem procurado acompanhar a evolução dos tempos ou ainda está apegada a práticas antigas centenárias? Infelizmente a escola, no Brasil, vem se movimentado muito lentamente em relação às inovações tecnológicas com as quais as crianças têm contato desde cedo.

Antes de a criança chegar à escola, ela já passou diferentes processos de educação, seja pela família como também mediado pela mídia eletrônica. Seguindo as afirmações de Moran (2000, p. 9) “a criança vai desenvolvendo suas conexões mentais, emocionais e suas linguagens”, assim desenvolvendo o processo de aprender a aprender.

Diante disso a instituição escolar está desafiada a fazer uso das mídias e das tecnologias como sua aliada no desenvolvimento das aprendizagens. Assim, como diz Moran (2000, p. 12) “Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento”.

A tecnologia vem provocando diversas mudanças no mundo, influenciando cada vez mais nossa vida e nossa maneira de pensar e de agir, e isso não é diferente dentro de nossas escolas. Como afirma Moran:

A sociedade está caminhando para ser uma sociedade que aprende de novas maneiras, por novos caminhos, com novos participantes (atores), de forma contínua. As cidades se tornam cidades educadoras, integrando todas as competências e serviços presenciais e digitais. A educação escolar precisa, cada vez mais, ajudar todos a aprender de forma mais integral, humana, afetiva e ética, integrando o individual e o social, os diversos ritmos, métodos, tecnologias, para construir cidadãos plenos em todas as dimensões (MORAN, 2007 p 11).

Vivemos hoje em uma sociedade marcada pelo desenvolvimento da informação e da comunicação, viabilizada por altas tecnologias. Nessa revolução, encontramos novos desafios, exigindo novas funções, que nos obrigam a ter uma transformação ampla, que vai além do processo de ensino e aprendizagem, preparando os cidadãos de forma plena para viver no novo

milênio, comunicando-se com o mundo e assumindo o comando de suas vidas. A partir disso, organizamos um projeto amplo, com o objetivo de que nossos educandos pensem sobre sua localidade, permitindo uma participação de forma ativa e efetiva no ambiente em que vivem. De acordo com as idéias do educador, Paulo Freire (1987, p.13), “os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo”, e buscamos contribuir para que essa educação venha ao encontro das reais necessidades do lugar onde ela está sendo desenvolvida.

Jacques Delors (1998) coordenador do “Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI”, aponta como conseqüência da sociedade do conhecimento a necessidade de uma educação continuada. Em sua proposição Delors, aponta para a educação uma aprendizagem ao longo da vida toda, assentada em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos; e aprender a ser. Descrevendo o primeiro pilar ele diz o seguinte:

Esse tipo de aprendizagem que visa não tanto a aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes ao domínio dos próprios instrumentos de conhecimento pode ser considerado, simultaneamente, como meio e finalidade humana. Meio porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades, para comunicar. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. (DELORS, 1998, p.91)

Aprender a conhecer implica ter:

Prazer em compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento, curiosidade, autonomia, atenção. Inútil tentar conhecer tudo. Isso supõe uma cultura geral, o que não prejudica o domínio de certos assuntos especializados. Aprender a conhecer é mais que aprender a aprender. (GADOTTI, 2000, p.251).

O segundo pilar de acordo com Delors (idem, p. 93), trata-se do aprender a fazer, aprendizagem indissociável do aprender a conhecer, diz o seguinte:



Aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar no fabrico de alguma coisa. Como consequência, as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como coisa simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter valor formativo que não é de desprezar.

Torna-se necessário que os professores unam o aprender a conhecer com o aprender a fazer, superando em sua prática pedagógica a dicotomia teoria e prática.

O terceiro pilar de acordo com Delors refere-se a aprender a viver, “levar os alunos a tomarem consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta” (idem. P.97). Enfatiza a cooperação, trabalho em equipe, as parcerias. Analisando esse pilar, percebe-se que há necessidade de rever, urgentemente, o processo pedagógico da escola que ainda instiga ao trabalho individual, competitivo e mecanicista.

O quarto e último pilar de acordo, com Delors trata do aprender a ser. Ele recomenda:

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve estar preparado, especialmente, graças a educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular seus próprios juízos de valor, de modo a aprender a decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. (Idem, p.99)

Os desafios da atualidade cada vez mais nos forçam a rever metodologias. A escola, como instituição com grande responsabilidade de formação humana está imbuída num processo de mudança que precisa, para que isso aconteça da atuação comprometida, dos professores. Em acordo com as idéias de Moran (2000, p.17), “os professores precisam ser desafiadores, autênticos, humildes. Capazes de estabelecer formas democráticas de pesquisa e comunicação cativando os alunos para que esses se sintam atraídos por suas aulas”. Assim, precisamos trabalhar de forma em que a educação seja concebida como um sistema aberto, "com mecanismos de

participação e descentralização flexíveis, com regras de controle discutidas pela comunidade e decisões tomadas por grupos interdisciplinares" (Moraes, 1997, p. 68). Professor e aluno, trabalhando juntos na busca de melhorias para sua comunidade. Também se faz necessária a busca pela valorização de sua cultura e das pessoas que os rodeiam, incentivando a participação de todos, através de atividades proporcionadas dentro do ambiente escolar.

Aqueles professores, que já se “abriram para o novo”, que se mantêm informados para acompanhar o ritmo dos alunos e que associam as tecnologias aos métodos ativos de aprendizagem, desenvolvem uma habilidade na construção das atividades, articulando os conceitos e os recursos tecnológicos com a prática pedagógica e com as teorias educacionais que os ajudam a refletir sobre a própria prática e a transformá-la. Sendo assim, não mais conseguem trabalhar de outra forma, senão utilizando-se dessa prática. Já outros, que ainda sentem-se apreensivos e inseguros, acabam refugiando-se no seu quadro-negro, apenas reproduzindo uma prática que pouco ou nada contribui para a aprendizagem.

Para que a mudança aconteça, Fagundes coloca que:

O salto necessário se constitui em passar de uma visão empirista de treino e prática – controle e manipulação das mudanças de comportamento do aprendiz –, que tem orientado a prática pedagógica, para uma visão construtivista de solução de problemas – favorecimento da interatividade, da autonomia em formular questões, em buscar informações contextualizadas, da comprovação experimental e da análise crítica (FAGUNDES, 1999, p.13).

O desenvolvimento de competências necessárias ao processo de ensino e aprendizagem leva a uma redefinição do papel do professor: "mais do que ensinar, trata-se de fazer aprender (...), concentrando-se na criação, na gestão e na regulação das situações de aprendizagem" (Perrenoud, 2000, p. 139), cuja mediação propicia a aprendizagem significativa aos grupos e a cada aluno. Ainda de acordo com esse autor (2000, p.21), os professores e professoras, do Ensino Fundamental, precisam trabalhar com dez domínios e competências prioritárias na sua formação contínua, dentre elas: utilizar novas tecnologias (utilizar editores de textos, comunicarem-se a distância por meio da telemática, utilizar as ferramentas multimídia de ensino).

Em relação a esse uso de novas tecnologias, Silva, acrescenta que:

Em lugar de guardião da aprendizagem transmitida, o professor propõe a construção do conhecimento disponibilizando um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos aprendizes. Ele garante a possibilidade de significações livres e plurais, e, sem perder de vista a coerência com sua opção crítica embutida na proposição, coloca-se aberto a ampliações, a modificações vindas da parte dos aprendizes (SILVA, 2005, p.67).

As tecnologias da informação e da comunicação (TICs) são recursos inovadores, que servem para transmitir informações, possibilitando aperfeiçoar novos conhecimentos. Entre esses recursos, estão: a televisão, o rádio, o retro-projetor, o DVD, o computador com acesso a internet. A escola está com a necessidade de se preparar e fazer uso das tecnologias para atingir mais plenamente os objetivos da educação. A utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs), na escola, é importante para suprir necessidades que cada vez mais aparecem. Uma delas se relaciona a desmotivação dos alunos em relação à maneira como os conteúdos escolares são apresentados rotineiramente nas salas de aulas.

Para incorporar as tecnologias de informação e comunicação (TICs) na escola, é preciso ousar, vencer desafios, articular saberes, tecer continuamente novas idéias, criando e desatando novos nós conceituais com a integração de diferentes tecnologias, com a linguagem hipermídia, teorias educacionais, aprendizagem do aluno, prática do educador e a construção da mudança em sua prática, na escola e na sociedade. Porém, mudar exige esforço e aceitação, e essa mudança torna-se possível quando o educador passa a ter o domínio das TICs e as utiliza para inserir-se no contexto e no mundo, a fim de representar, interagir, refletir, compreender e atuar na melhoria de processos e produções, transformando-se e transformando-os.

## 2.1 Professores ou educadores, alunos ou educandos

*Se eu morrer, morre comigo um modo de ver, disse o poeta.  
Um poeta é só isso: um modo de ver  
O diabo é que de tanto ver, a gente banaliza o olhar.  
Vê não vendo.  
Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver.  
Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos parece familiar, já  
Não desperta curiosidade.  
O campo visual da nossa rotina é como um vazio (...)  
Mas há sempre o que ver.  
Gente, coisas, bichos.  
E vemos?  
Não, não vemos (...)  
Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos.  
É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença.*

### OTTO LARA REZENDE

Refletir sobre a prática docente não é tarefa fácil, pois a tendência é ir se institucionalizando fazeres rotineiros e repetitivos anos após anos que começam a ser naturalizados, como que se não houvesse outro jeito. Ouve-se na sala dos professores algumas conversas que sinalizam isso. Em vários momentos, a indiferença diante de uma turma de alunos é o que prevalece. Palavras tipo “dei minha aula, quem aprendeu, aprendeu. Minha obrigação eu fiz”, são comuns em salas de professores em conselho de classe.

Em relação aos professores Freire diz o seguinte:

Não sei como preparar o educador. Talvez que isto não seja nem necessário e nem possível. É necessário acordá-lo. (...) basta que o chamemos do seu sono por um ato de amor e de coragem. E, talvez acordado, ele repetirá o milagre da instauração de novos mundos (FREIRE, 1982, p.28).

Trata-se de uma mudança de paradigma. É necessário que os professores revejam suas posturas, não há mais espaços, nos tempos atuais para práticas antigas, coercitivas, autoritárias. Freitas (1998, p.74), referindo-se a prática da sala de aula afirma “a professora se comporta como se ela fosse à proprietária da sala de aula, bem como de tudo que está ali dentro: mesa,

quadro, giz, e, inclusive, os alunos. É por isso que ela se sente no pleno direito de manipulá-los conforme sua vontade”.

De acordo com Vizzoto:

O professor (a) do século XXI deve interagir como um facilitador no acesso a informações e trabalhar como um bom amigo que auxilia o sujeito a conhecer o mundo e seus problemas, seus fatos e suas injustiças, de forma que o aluno (a) possa caminhar com liberdade de expressão e, conseqüentemente, de ação. Em contrapartida, o aluno (a) deve respeitar o espaço escolar e valorizar o professor (a) sabendo aproveitar a magia do momento, o encantamento do aprender-ensinar-aprender (VIZZOTO, 2007, p.38).

Portanto, o professor (a) hoje é aquele que ensina o aluno (a) a aprender e a ensinar a outrem o que aprendeu. Porém, não se trata daquele ensinar passivo, mas do ensinar ativo no qual o aluno (a) é sujeito da ação, e não sujeito-paciente; também, é preciso ficar evidente que o professor (a) agora é formador e como tal precisa ser autodidata, integrador comunicador, questionador, criativo, colaborador, eficiente, flexível e comprometido com as mudanças desta nova era.

Muitos professores para justificarem sua prática acomodada, retrógrada buscam fazer comparações entre a escola através dos tempos. Conforme Micotti in Bicudo (1999, p. 153):

Alguns educadores alegam que, antes, a escola era mais eficiente, porém elitista; ao tornar-se menos seletiva não conseguiu encontrar o caminho para cumprir realmente suas funções. Criticam as reformas, argumentando que são apenas de fachada; condenam os critérios de avaliação. Há os que não pensam assim; consideram os velhos modos de trabalhar incompatíveis com o dinamismo e as exigências da vida atual. Mas, ainda hoje, há pais que não se importam em pagar altas mensalidades, tentando proporcionar aos filhos o antigo regime escolar.

Rego (1995) mostra que os postulados de Vygotsky apontam para a necessidade da criação de uma escola bem diferente da que conhecemos. Uma escola em que as pessoas possam dialogar duvidar,

discutir, questionar e compartilhar saberes; onde haja espaço para transformações, para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade. Uma escola em que os professores (as) e alunos (as) tenham autonomia, que possam pensar refletir sobre o seu próprio processo de construção de conhecimentos e ter acesso a novas informações. Assim deve ser a relação professor (a)-aluno (a): o aluno (a) precisa aprender a aprender e o professor (a) precisa aprender a reaprender sempre.

O educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida.

Desta maneira, o aprender se torna mais interessante quando o aluno (a) se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não é uma qualidade que surge espontaneamente nos alunos (as), pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como imposição. Para que isto possa ser melhor aproveitado, o professor(a) deve despertar a curiosidade dos alunos(as), acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

O professor (a) precisa envolver-se em bem mais que a transmissão de informações, até porque a informação está a cada dia mais acessível. É necessário trabalhar para a construção de conhecimentos que levem também a construção da cidadania. Para que isto ocorra, é necessário que o professor (a) desenvolva a consciência e assuma seu papel de facilitador de aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação de empatia, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à auto-realização.

Desse modo, podemos pensar que a construção do conhecimento feita na mediação com o outro. O conhecimento é produto da atividade e do conhecimento humano marcado social e culturalmente. O papel do professor (a) consiste em agir como intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação. Segundo Freire

Bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996 p 96).

A relação entre professor (a) e aluno (a) depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor (a), da relação de empatia com seus alunos (as), de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir à nível de compreensão dos alunos(as) e facilitando a criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor (a) deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos (as) e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

A tarefa de educar/ensinar exige muito mais que profissionalismo, porque está no campo das relações humanas. É necessário ter sensibilidade, reconhecimento em relação ao outro para que se estabeleçam redes favoráveis ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Considerar que a aprendizagem é constante e para todos. Professor que se apodera do poder/saber não tem mais espaço nos dias de hoje. Esse tipo não compreende porque os alunos não têm motivação, não aprendem. Falta-lhe a capacidade de reflexão, principalmente de auto-reflexão sobre si próprio e também em relação a sua prática.

Professores, gestores, funcionários todos são importantes para a melhoria do sistema educacional, para uma efetiva atuação visando essa melhoria eles “precisam ser bons, estarem bem preparados” (Moran, 2007, p.18). Professores desmotivados com a profissão, descrentes de que sua prática seja construtiva com seus alunos apenas reproduzem práticas repetitivas, desmotivadoras, em fim estão fazendo parte de um sistema que vem cada vez mais dando sinais de falência, estagnação.

Em relação ao gestor escolar, Moran (2007, p 25) coloca que “uma boa escola começa com um bom gestor [...] o gestor é fundamental para dinamizar a escola, para buscar caminhos, para motivar todos os envolvidos no processo.” Refiro-me também a gestão, pois estou a oito anos sendo desafiada nessa função. Concordo com o autor quando ele fala que uma boa gestão é fundamental para a boa escola. Como testemunho de minha prática que é uma tarefa árdua, onde todos os dias é preciso refletir constantemente sobre o andamento da escola. É bastante amplo o público que a gestão atende e, além disso, deve seguir muitas orientações pré-estabelecidas pela Instituição Mantenedora. Para conciliar tantos interesses é necessário muito bom senso, criatividade e inteligência.

No mundo de hoje a criatividade é o novo paradigma para a resolução dos mais variados problemas. Criatividade aqui é entendida como a capacidade de sermos suficientemente flexíveis para sairmos do seguro, do conhecido, do imediato e assumirmos riscos ao propormos o novo, o possível. (FIGUEIREDO, 2004, p.3).

Estamos na era da informação, e nossos alunos têm acesso a vários meios de comunicação e diferentes linguagens (TV, rádio, computador, telefone celular), em que podem atualizar-se e buscar o que é de seu interesse aprender. Como nos coloca Citelli:

As crianças de hoje são constantemente desafiadas a fazer a leitura dessas novas linguagens, deslocando o interesse dos textos escritos para outros que utilizam os aspectos sonoros e visuais, ou a combinação desses elementos com as formas verbais. (CITELLI, 2000, p. 139)

Faz-se necessário explorar, valorizar e considerar as informações que os alunos vêm trazendo dos seus contatos com as TICs na escola. Essa pode ser uma forma, de “cativar” os educandos, para motivá-los no ambiente escolar. É preciso que professores e alunos relacionem-se no sentido de fazer relações significativas entre os diferentes conhecimentos. Os trabalhos desenvolvidos através de projetos de aprendizagem possuem um potencial



favorável, pois permite a colaboração também dos alunos na elaboração dos mesmos e certamente, às mídias e tecnologias não serão esquecidas nesse contexto. Dessa forma, a escola estará conseguindo seu objetivo principal de promover a real aprendizagem dos alunos, possibilitando a construção de conhecimentos que levem os sujeitos a agir com autonomia na busca de melhores condições de vida para si e para a coletividade.

Como diz Abreu no livro *Cabeças Digitais*

(...) o fosso entre os professores e os alunos (...) introduz algo novo na relação ensino-aprendizagem. Todos os sujeitos chamam a atenção para a nova realidade, aquela em que os alunos sabem mais do que os professores, especialmente no domínio das tecnologias. Trata-se de uma inversão na *hierarquia do saber*” (ABREU, 2006, p.163).

A aceitação de que não há linearidade na escola é um bom começo. Estamos cada vez mais desafiados a transformar a avalanche de informações que recebemos em conhecimentos servíveis. A escola não pode fugir a regra. Fazer de conta que está em outra dimensão. Nós professores precisamos estar dispostos a rever práticas, metodologias, enfim rever conceitos. Temos também nossa história, nossa formação, mas nos é apresentado essa realidade que nos impele a obrigação de aprender a agir e interagir com ela. Estamos numa pequena desvantagem, pois o avanço tecnológico é muito rápido e começou a tornar-se mais acessível na última década. Mas nossa profissão é desafiadora, importante na formação da sociedade que queremos ajudar a formar, portanto vamos à luta.

De acordo com Carvalho:

A escola é permeada por uma rede de relações que devem ser compreendidas e para isso é necessário que os educadores desenvolvam um conjunto de habilidades e competências para, assim, fazer uma análise da instituição e de suas ações pedagógicas, num trabalho pedagógico de equipe e com construção epistemológica interdisciplinar (CARVALHO, 2005.p. 51)

Chalita, ao se referir aos professores reforça a importância desse profissional na educação:

*[...] A alma de qualquer instituição de ensino é o professor. Por mais que se invista na equipagem das escolas, em laboratórios, bibliotecas, anfiteatros, quadras esportivas, piscinas, campos de futebol – sem negar a importância de todo esse instrumental -, tudo isso não se configura mais do que aspectos materiais se comparados ao papel e à importância do professor (CHALITA, 2004, p. 159).*

Buscamos construir nossa história, como agentes do processo, traçando caminhos sólidos e buscando ajudar em transformações que visem à construção de comunidades mais felizes, justas, autônomas em suas buscas e cientes de seus direitos e deveres na sociedade. Lembrando o educador Paulo Freire (1996, p.63-64) quando se refere à importância das nossas ações, ele afirma que: "estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem 'tratar' a própria presença no mundo (...), sem politizar não é possível".

Estamos desafiados a vencer: medos, inseguranças, dificuldades, desconfortos, ansiedades, presentes no processo de ensinar e aprender. Enfim uma nova postura de educador está se formando em meio ao acesso cada vez mais presente da tecnologia para os alunos.

Em meio à avalanche digital, pretendo “navegar” um pouco sobre o fascínio que a rede social Orkut exerce sobre os adolescentes entre 12 e 15 anos e também sobre professores que o utilizam. Pretendo tecer idéias, para compreender por que enviam os convites de amizade na rede. Qual o sentido dessa palavra para eles no ambiente virtual? Para isso farei estudos de caráter bibliográfico e a partir deles farei a análise das respostas do questionário que será respondido por um grupo.



### 3. DE COMUNIDADES REAIS A COMUNIDADES VIRTUAIS

#### 3.1 Um pouco sobre comunidades reais

Ao longo da História, o ser humano sempre foi um animal gregário. Na busca pela sobrevivência e reprodução da espécie, trabalhava em grupos, que mais tarde, evoluíram para as primeiras comunidades. Quanto ao conceito de comunidade, no entanto, nunca houve uma unanimidade.

O sociólogo Max Weber, quando procurou traçar algumas premissas sobre o assunto, ressaltou que *"O conceito de comunidade é mantido aqui deliberadamente vago e conseqüentemente inclui um grupo muito heterogêneo de fenômenos"* (Weber, 1987, p.79), pois também considerava que a idéia de comunidade compreendia relações muito abrangentes.

De acordo com Recuero (2001), autores clássicos, como Ferdinand Tönnies, procuravam conceituar a comunidade colocando-a em oposição à sociedade. Tönnies era inspirado no método galilaico, que era fundado em duas invenções da cultura grega, a teoria das idéias de Platão e a geometria de Euclides. *"O método consistia em escolher somente um caso e livrá-lo das impurezas do mundo observável, a fim de encontrar o princípio de acordo com o qual o caso em questão 'funcionaria' em circunstâncias ideais"* (Tönnies, 1985, p.49). Por isso, Tönnies procurou criar um conceito de comunidade "pura", idealizada, oposta ao conceito de sociedade, criado pela vida moderna. Para Tönnies, *Gemeinschaft* (comunidade) representava o passado, a aldeia, a

família, o calor. Tinha motivação afetiva, era orgânica, lidava com relações locais e com interação. As normas e o controle davam-se através da união, do hábito, do costume e da religião. Seu círculo abrangia família, aldeia e cidade. Já *Gesellschaft* (sociedade) era a frieza, o egoísmo, fruto da calculista modernidade. Sua motivação era objetiva, era mecânica, observava relações supralocais e complexas. As normas e o controle davam-se através de convenção, lei e opinião pública. Seu círculo abrangia metrópole, nação, Estado e Mundo. Tönies acreditava que a comunidade seria o estado ideal dos grupos humanos enquanto que, a sociedade, seria a sua corrupção.

No artigo de Recuero (2010), quando analisa a sociedade, fazendo referência a Tönies e tratando de mudança social, ela se refere a dois princípios conflitantes: o aristotélico e o hobbesiano. Estes dois princípios constituiriam a natureza contraditória do homem. O ser humano, portanto, aspiraria à união e ao mesmo tempo, seria contra ela, oscilaria entre a conexão e a separação, o coletivo e o individual. Embora o trabalho de Tönies constitua-se em uma referência, o próprio autor reconhecia que sua obra baseava-se em tipos "normais", de inspiração platônica: "*Não conheço nenhum estado de cultura ou sociedade em que elementos de Gemeinschaft e de Gesellschaft não estejam simultaneamente presentes, isto é, misturados*" (In Tötö, 1995, p. 50).

No mesmo artigo, Recuero traz uma análise de Emile Durkheim após a publicação, de *Gemeinschaft Ud Gessellschaft*. Ele escreveu uma resenha à obra de Tönies. Nesta resenha (que está reproduzida em Aldus, 1995, p.113), fez críticas a algumas das idéias do autor e aproveitou para expor o seu próprio pensamento a respeito dos conceitos de comunidade e sociedade. A crítica que Durkheim em relação à Tönies foi a de que a *Gesellschaft* também teria um caráter orgânico, ou seja, natural. Tönies havia dito que apenas a comunidade (*Gemeinschaft*) teria um caráter natural, sendo a sociedade uma "corrupção" do primeiro conceito, realizada pela modernidade. Para Durkheim, a sociedade não teria um caráter menos natural do que a comunidade, pois existiriam pequenas semelhanças de atitude nas pequenas aldeias e grandes cidades. Além disso, ele afirma (acabando por não confrontar-se totalmente

com a idéia de Tönies de comunidade e sociedade, pois a mesma baseia-se em tipos ideais, e não na observação empírica, como era o método de investigação social defendido por Durkheim), que nem *Gemeinschaft* nem *Gesellschaft* possuem características que podem ser encontradas unicamente em um agrupamento social (Aldus, 1995, p.118). Os dois concordam com a natureza da dicotomia entre *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*. Durkheim admite também que aquela se desenvolve primeiro e, a segunda, é seu fim derivado.

O sociólogo Max Weber, refere-se ao conceito de comunidade como orientação da ação social. Segundo ele, a comunidade funda-se em qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional. Weber utiliza como exemplo básico de comunidade a relação

Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal- baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes (WEBER, 1987, P.77).

A idéia de "tipos normais" (como Tönies preferia chamar o "tipo ideal") através da qual Tönies constrói sua teorização é extremamente semelhante à de Weber. Segundo Merlo (1995,p.128), é "*explicitamente retomado em Tönies a distinção entre comunidade e associação; a própria teoria da racionalização pode ser expressa, em termos töniesianos, como a tendência para a substituição do agir comunitário pelo agir societário*". Para Weber, comunidade e sociedade não são mais necessariamente alternativas de integração do indivíduo nas estruturas sociais, nem tampouco conceitos que se excluem mutuamente, ou ainda, que se opõe frontalmente. Para Weber e Durkheim a maior parte das relações sociais tem em parte o caráter de comunidade, em parte o caráter de sociedade. Em qualquer comunidade seria possível encontrar as situações de conflitos e opressão, que de acordo com Tönies não fariam parte da idéia de comunidade. Segundo Weber, a comunidade só existiria propriamente, quando sobre uma base de um sentimento de situação comum e de suas conseqüências, está também situada a ação reciprocamente referida e que essa referência traduz o sentimento de formar uma totalidade.

A visão de uma comunidade como "redentora" e tipo "ideal" de convivência humana permeia muitas das visões e idéias da sociologia clássica, bem como a dicotomia entre comunidade e sociedade.

De acordo com Recuero (2010):

A idéia de comunidade moderna começou a se distinguir de seu protótipo antigo, apoiando-se em diferentes princípios de coesão entre os seus elementos constituintes, como o contraste entre parentesco e território, sentimentos e interesses, etc. O conceito de comunidade foi identificado com diversos aspectos, como a coesão social, a base territorial, o conflito e a colaboração para um fim comum, e não mais a idéia de uma relação familiar, como na *Gemeinschaft* tõesiana.

Palacios (1998) enumera os elementos que caracterizariam essa comunidade: o sentimento de pertencimento, a territorialidade, a permanência, a ligação entre o sentimento de comunidade, caráter corporativo e emergência de um projeto comum, e a existência de formas próprias de comunicação. O sentimento de pertencimento, ou "pertença", seria a noção de que o indivíduo é parte do todo, coopera para uma finalidade comum com os demais membros (caráter corporativo, sentimento de comunidade e projeto comum); a territorialidade, o *locus* da comunidade; a permanência, condição essencial para o estabelecimento das relações sociais.

Recuero traz a análise de autores, como Beamish (1995), que explicam que o significado de comunidade giraria em torno de dois sentidos mais comuns. O primeiro refere-se ao lugar físico, geográfico, como a vizinhança, a cidade, o bairro. Assim, as pessoas que vivem em um determinado lugar geralmente estabelecem relações entre si, devido à proximidade física, e vivem sob convenções comuns. O segundo significado refere-se ao grupo social, de qualquer tamanho, que divide interesses comuns, sejam religiosos, sociais, profissionais, etc. Ou seja, Beamish já separa o conceito sob dois aspectos: o do território como elemento principal na constituição do grupo ou do interesse comum (e neste caso, o território comum não é mais condição para a existência das relações entre as pessoas) como cerne da constituição do grupo.

Como se observa, o termo "comunidade" evoluiu de um sentido quase "ideal" de família, comunidade rural, passando a integrar um maior conjunto de grupos humanos com o passar do tempo. Com o advento da modernidade e da urbanização, principalmente, as comunidades rurais passaram a desaparecer, cedendo espaço para as grandes cidades. Com isso, a idéia de "comunidade" como a sociologia clássica a concebia, como um tipo rural, ligado por laços de parentesco em oposição à idéia de sociedade, parece desaparecer, não da teoria, mas da prática. Ray Oldenburg, citado por Hamman (1998) e Rheingold (1994, p. 61), afirma, em sua obra "*The Great Good Place*", que as comunidades estariam desaparecendo da vida moderna devido à falta dos lugares que ele chamava "*great good places*". De acordo com ele, haveriam três tipos importantes de lugar em nossa vida cotidiana: o lar, o trabalho e os "terceiros lugares", referentes àqueles onde os laços sociais fomentadores das comunidades seriam formados, como a igreja, o bar, a praça e etc. Esses lugares seriam mais propícios para a relação social que ele julga necessária para o "sentimento de comunidade", porque seriam aqueles onde existe o "lazer", onde as pessoas encontram-se de modo desinteressado para se divertirem (lugares de vida pública "informal" nas palavras do autor). Como esses lugares estariam desaparecendo da vida moderna, devido às atribuições do dia a dia, as pessoas estariam sentindo que o "sentimento de comunidade" estaria em falta. O trabalho de Oldenburg revelou que na maior parte das cidades da América e do Ocidente realmente havia um declínio desses "terceiros lugares". Oldenburg acredita que esse desaparecimento ocorreria por diversas razões, entre elas, a construção padronizada, típica do modernismo, constituía subúrbios e hostilizava o espaço com suas estruturas (Oldenburg, In Hamman, 1998). Rheingold aponta para esta ausência do "sentimento de comunidade" como uma das causas do surgimento das comunidades virtuais.

O declínio do senso de comunidade, em nossa sociedade, foi também atribuída ao aparecimento e afirmação do individualismo, ao culto à personalidade, de acordo com autores como Sennet (1997), citado por Fernback e Thompson (1998). Sennet acredita que a noção de comunidade desenvolveu-se da *Gemeinschaft* para a *Gesselschaft*, assim como Tönies



explicitou, quando as pessoas passaram a associar a ação pública à expressão da psique individual de cada um. Com o avanço da industrialização e o surgimento do conceito de 'sociedade de massa', as pessoas tornaram-se atomizadas e a ordem social foi caracterizada por uma "anomia"(anomie). As idéias de Sennet que apontavam para uma noção de comunidade como um território limitado foram substituídas pela noção de comunidade como a de "mentes iguais", ou de pessoas com pensamentos semelhantes. As idéias de Sennet evidenciam um importante traço na definição de uma comunidade: um senso de traço comum, característica, identidade ou interesses.

### **3.2 Um pouco sobre Comunidades Virtuais**

Vários autores têm chamado a atenção para importância dos meios de comunicação que, através de sua ação modificam o espaço e o tempo, modificam também as relações entre as várias partes da sociedade, transformando também a idéia de comunidade (McLuhan, 1964). Deste modo, também a Comunicação Mediada pelo Computador – CMC - está afetando a sociedade e influenciando a vida das pessoas e a noção de comunidade. Por isso, muitos autores optaram por definir as novas comunidades, surgidas no seio da CMC por "comunidades virtuais" (Rheingold, 1996 Palacios, 1998, Donath, 1999 Smith, 1999 Wellman e Gulia, 1999 Paccagnella, 1997, entre outros.)

"Comunidade Virtual" seria o termo utilizado para os agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço, através da comunicação mediada pelas redes de computadores (CMC).

Para Rheingold, um dos primeiros autores a efetivamente utilizar o termo "comunidade virtual" para os grupos humanos que travavam e mantinham relações sociais no ciberespaço, define-a da seguinte forma:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço]. (Rheingold, 1996, p.20).

De acordo com a definição de Reinghold, é possível destacar como elementos formadores da comunidade virtual as discussões públicas, as pessoas que se encontram e reencontram, ou que ainda, mantêm contato através da Internet (para levar adiante a discussão), o tempo e o sentimento. Elementos como esses combinados através do ciberespaço, poderiam ser formadores de redes de relações sociais, constituindo-se em comunidades. O autor deixa de lado um dos pontos mais essenciais da definição do que até então a maior parte dos sociólogos convencionou chamar de comunidade: um agrupamento humano dentro de uma determinada base territorial. E este se constitui um dos grandes problemas da aplicação do conceito de comunidade ao ciberespaço, para a definição da comunidade virtual, que foi logo apontado por diversos pesquisadores: a ausência de uma base territorial, até então um dos sustentáculos da idéia de comunidade desenvolvida pela sociologia clássica. Alguns autores (Weinrech, 1997 In Jones, 1997) criticam a idéia de comunidade virtual justamente por não conseguirem conceber a idéia de uma comunidade sem um *locus* específico, trazendo à discussão a necessidade de um local onde a comunidade se estabeleça.

Recuero (2010) analisa os dois usos mais comuns que Jones (1997) destaca para o termo "comunidade virtual". O primeiro refere-se simplesmente como comunidade virtual das diversas formas de grupos via CMC, o que ele diz ser uma "comunidade virtual – lugar no ciberespaço". É o que se entende por suporte da comunidade: as classes de grupos de CMC, como por exemplo, o IRC, os *e-mails*, etc. O segundo explica que "comunidades virtuais" são novas formas de comunidade, criadas através do uso desse suporte de CMC. Ele chama a primeira definição de "*virtual settlement*" (estabelecimento virtual) e a segunda como verdadeira "comunidade virtual". Jones tenta distinguir a comunidade virtual do lugar que ela ocupa no ciberespaço (*virtual settlement*). Em sua teoria, ele afirma que a existência de um *virtual settlement* geralmente

está seguida da existência de uma comunidade virtual associada. Portanto, seria possível identificar comunidades virtuais a partir do encontro de *virtual settlements*. O *virtual settlement* é um ciber-lugar, que é simbolicamente delineado por um tópico de interesse, e onde uma porção significativa de interatividade ocorre. Eles seriam caracterizados por:

- Um nível mínimo de interatividade, que, para Jones, trata-se da extensão em que essas mensagens em uma seqüência têm relação entre si e, especialmente, como as mensagens posteriores têm relação com as anteriores. É a expressão da extensão de uma série de trocas comunicativas;
- Uma variedade de comunicadores, que é condição associada à primeira característica da interatividade,
- Um espaço público comum onde uma porção significativa do grupo de comunicação mediada por computador interativa de uma comunidade ocorre, onde ele coloca o espaço público como um fator importante na existência da comunidade virtual, e diferencia o espaço público, onde está a comunidade, do espaço privado, onde ocorrem as trocas de mensagem individuais;
- Um nível mínimo de associação sustentada, ou ainda, uma quantidade de membros relativamente constante, necessária para o nível razoável da interatividade exposta pela primeira característica.

As idéias de Jones trazem alguns pontos que podem ajudar-nos há esclarecer um pouco a idéia de "comunidade virtual". Se agregarmos, como o próprio autor determina, ao conceito de comunidade virtual o de *virtual settlement*, veremos que também existe como condição para a comunidade virtual, a existência de um espaço público, onde a maior parte da interação da comunidade se desenrole. Este espaço, por si só não constitui a comunidade, mas a completa. A comunidade precisa, portanto, de uma *base* no ciberespaço: um lugar público onde a maior parte da interação se desenrole. A comunidade

virtual possui deste modo, uma base no ciberespaço, um senso de *lugar*, um *locus* virtual. Este espaço pode ser abstrato, mas é "limitado", seja ele um canal de IRC, um tópico de interesse, uma determinada lista de discussão ou mesmo um determinado MUD. São fronteiras simbólicas, não concretas.

Recuero (2010) afirma que:

A comunidade virtual é, também, diferente de seu *virtual settlement*, mas este é parte necessária para a existência da primeira. Logo, a comunidade é diferente de seu suporte tecnológico e não pode ser confundida com ele.

"Um servidor de IRC contendo milhares de canais que não possuem relações entre si, por exemplo, não demonstra a existência de uma comunidade virtual, embora um canal ou um pequeno conjunto de canais possa demonstrar." (Jones, 1997). Isso porque o servidor de IRC é o suporte no qual as pessoas podem conectar-se para acessar canais e trocar mensagens. Ele, por si, não é uma comunidade virtual. Da mesma forma, um sistema que permite que várias listas de discussão possam ser geradas através dele (como o *Orkut*, por exemplo), não é em si uma comunidade virtual, assim como qualquer outro serviço *online* onde várias pessoas que não possuem quaisquer relações entre si e cujo único ponto comum é a busca do serviço, não pode ser determinado como uma comunidade virtual.

A comunidade pressupõe relações entre os seus membros: a interatividade. Essa questão tem suscitado as mais variadas discussões. Jones (1997) afirma que a interatividade não é uma característica do meio, mas "*a extensão em que as mensagens, em uma seqüência, relacionam-se umas com as outras, especialmente na extensão em que mensagens posteriores tem relação com as anteriores*". A idéia de Jones que relaciona a interatividade com as trocas comunicativas. Semelhante é a idéia de Primo (1998). Ele acredita que é preciso partir da interação humana para compreender a interatividade na comunicação humano/computador, pois, deste modo, o humano não seria apenas colocado como disparador de programas. Para compreender a interatividade nos meios informáticos, Primo propõe dois conceitos: o de

*interação mútua* e o de *interação reativa*. A interação mútua se dá de forma negociada, que acontece entre agentes, de forma aberta, através de um processo de negociação, com ações interdependentes que geram interpretações, possuem fluxo dinâmico e cuja relação se dá através da construção negociada. A interação reativa dá-se em um sistema fechado, num processo de estímulo-resposta, com fluxo linear e determinado, relação causal e baseada no objetivismo. Segundo Primo (1997, online), é nas reações mútuas que se encontra um "*poderoso canal ou meio que é o computador ligado em rede*". A interação mútua é, portanto, a interação onde as trocas não são predeterminadas, mas caóticas, complexas e imprevisíveis. É a interação que um *chat*, por exemplo, proporciona. Já a reativa, ao contrário, constitui-se num sistema fechado, de respostas pré-programadas, onde as trocas são determinadas, previsíveis.

Nesta construção a interação é classificada pelo modo através do qual se *utiliza* o meio. A interatividade é deste modo, uma característica do meio, mas não uma garantia deste meio, pois depende dos *usos* que cada parte da relação comunicativa fizer. Ela é como diz Jones, associada às relações entre as trocas comunicativas, mas, trocas essas que só poderão ser possibilitadas pelas ferramentas de que o meio dispõe. A interatividade é uma característica da Internet (Palacios, 1998), bem como a massividade. No entanto, só é possível interagir de forma *mútua*, como a concebida por Primo, se o meio permitir, oferecendo as ferramentas necessárias, se o meio possuir a característica aberta, de via de duas mãos, para as trocas comunicativas. E mesmo que o meio possua essa característica, é ainda, necessário que os elementos ativos efetivamente *realizem* essas trocas para que se possa afirmar que existe interatividade. A interação mútua deve ser a única capaz de gerar trocas capazes de construir relações sociais e, portanto, comunidades virtuais. O ciberespaço, enquanto espaço comunicativo permite que esse tipo de interação ocorra, mas não é garantia dela.

As características de variedade de comunicadores (pressuposto da interatividade proposta por Jones) e estabilidade de membros demonstram que a comunidade deve ser composta por várias pessoas que estabeleçam trocas

entre si. Além disso, as relações sociais devem ser forjadas e mantidas também no ciberespaço, para que a quantidade de membros participantes do *virtual settlement* permaneça relativamente estável. Essa estabilidade é, em nossa opinião, a característica da permanência. A permanência é outra característica da comunidade virtual. Isso porque, sem a existência em um plano de tempo, as relações entre as pessoas não poderão ser aprofundadas o suficiente para que constituam uma comunidade. Imaginemos que a cada vez que o indivíduo retornar ao *virtual settlement*, ele precise reiniciar a operação de travar relacionamentos com os demais indivíduos. Parece-nos que seria impossível que um dia estas relações pudessem aprofundar-se de modo suficiente a dar aos indivíduos um senso de pertencimento, pois a cada desconexão tudo aquilo que havia sido construído seria imediatamente destruído. A permanência é o oposto da efemeridade.

O pertencimento é o próximo elemento da comunidade virtual. Ele é explicado por Palacios (1998) como um sentido de ligação. Este sentimento para com a comunidade pode ser encontrado nas noções de *Gemeinschaft* de Tönnies ou mesmo na comunidade emocional de Weber. A comunidade é constituída também sobre sentimento. Primo (1997) afirma que este sentimento é também encontrado na comunidade virtual: "*Os participantes de chats reconhecem-se como parte de um grupo e responsáveis pela manutenção das relações.*" Este sentimento é visto como condição necessária para a existência de comunidade no ciberespaço por diversos autores, como Beamish (1995), que acredita que uma comunidade para ser caracterizada, necessitaria, antes de tudo, de um "sentimento de pertença", ou de ter-se algo em comum. Segundo ela, é preciso que os indivíduos tenham consciência de que são partes de uma comunidade e sintam-se responsáveis por ela, como "partes de um mesmo corpo".

No ciberespaço, entretanto, este sentimento é diferenciado da idéia de comunidade *offline*. Palacios (1998) chama a atenção para o desencaixe entre o pertencimento e a territorialidade. A noção de comunidade *offline* compreendia o pertencimento como associado ao território geográfico. O pertencimento aqui, se associarmos o território geográfico com o "lugar"

determinado no ciberespaço, é efetivamente desencaixado do lugar – território concreto, e associado ao lugar-ciberespacial da comunidade. Mesmo para aquelas que são associadas a uma representação de um espaço territorial real, o sentimento de pertencimento é associado à comunidade em primeiro lugar e não ao território ou mesmo à representação do território. Palácios também cita de uma segunda característica importante do pertencimento na comunidade virtual. Segundo ele, existe uma eletividade do pertencimento, ou seja, é possível escolher a comunidade da qual se deseja fazer parte. "(...)o indivíduo só pertence se, quando e por quanto tempo estiver, efetivamente, interessado em fazê-lo."

Hamman (2010), afirma que a comunidade virtual não seria uma nova forma de sociabilização, mas simplesmente a comunidade tradicional transposta para um novo suporte para manter seus laços sociais. "*CMC é apenas uma das muitas tecnologias utilizadas pelas pessoas através das quais as redes de comunidades existentes comunicam-se*". Essa crítica fundamenta-se no fato de que grande parte das comunidades virtuais que sobrevivem no tempo traz os laços do plano do ciberespaço para o plano concreto, promovendo encontros entre seus membros. Fato que é possível comprovar na rede quando é possível aceitar convites para encontros/festas presenciais promovidas por várias comunidades, inclusive no site de relacionamento Orkut.

Assim, grande parte dos laços sociais iniciados no ciberespaço é transposta para a vida *offline* das pessoas. No entanto, esses laços continuam a ser mantidos prioritariamente no local onde foram iniciados: na comunidade virtual. E mesmo assim, alguns destes laços podem nunca passar para o plano *offline*, devido à distância geográfica. Esses laços afetam a vida das pessoas?

A comunidade virtual pode ser estendida ao espaço concreto, mas continuará tendo seu *virtual settlement* no ciberespaço. E continuará como um espaço social onde as pessoas poderão reunir-se para formar novos laços sociais. E prioritariamente, essas relações sociais foram estabelecidas no ciberespaço, através da comunicação mediada por computador, de uma forma completamente diversa do estabelecimento tradicional de relações sociais, sem o contato físico, invertendo o processo de formação do laço

A comunidade virtual como elemento do ciberespaço existirá enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais. Esses laços, mediados pelas novas tecnologias da comunicação são capazes de influenciar as relações humanas? Em se tratando de amizade, qual é o conceito que permeia a rede? Qual o sentido para a palavra amizade para o site de relacionamento Orkut? O que significa a pergunta “quer ser meu amigo?”

O site de relacionamento Orkut é uma rede social virtual criada em fevereiro de 2004, pela empresa de tecnologia Google. Rede social na Internet é uma comunidade de usuários registrados em um portal WEB que compartilham informações, interagem entre si mediante mensagens e contam com outras formas de colaboração.

Comunidade virtual é o nome dado às redes desse tipo, onde se formam grupos de amigos por afinidade. Os usuários, individualmente registrados, podem manter uma lista de pessoas consideradas amigas e esses todos estarão registrados no portal do site.

O site tem o nome de Orkut devido ao seu criador. Orkut Buyukkokten era funcionário da empresa e desenvolveu o projeto. De acordo com o próprio site, o objetivo da associação é conectar-se com os amigos e familiares usando recados e mensagens instantâneas, conhecer novas pessoas por intermédio de amigos de seus amigos e comunidades, e compartilhar vídeos, fotos, idéias. É possível, também, de acordo como slogan do site encontrar pessoas, fazer amigos, criar comunidades e juntar-se às já existentes. De acordo com Domeles:

A página pessoal de cada usuário do Orkut funciona como mecanismo de representação do sujeito, ou melhor, é o próprio sujeito virtualizado no espaço. Não ter uma página no Orkut e ter amigos que as tenha dificulta (ou mesmo impede) a sociabilidade do grupo, que nesse caso passa pela comunicabilidade diária via computador (DOMELES, 2008, p.215).

De início para se inscrever no Orkut, as pessoas criam um perfil dividido em três sessões: social, profissional e pessoal. A sessão que fica em primeiro plano é a social, as demais podem ser consultadas. As sessões



permitem que o usuário coloque todo o tipo de informação. O usuário pode preencher os campos que desejar.

Quando o Orkut iniciou o acesso as informações dos perfis dos usuários eram liberadas para qualquer usuário. Porém, no início de 2008, foram criados recursos de privacidade que permitiram ao usuário limitar a visualização de fotos vídeos e recados de amigos.

O Orkut, no ciberespaço, se autodefine como uma “comunidade on-line que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis”. Através do preenchimento do cadastro padrão do site, o participante passa a experimentar uma série de atividades que exprimem uma sensação de auto organização da vida, “(...) o desejo (...) de se reapropriar de seus próprios prazeres, de passar por experiências segundo um modo mais pessoal, não guiado, não orquestrado pelo mercado.” (Lipovetsky, 2007, p.65). Em relação ao mercado, pode-se perceber, ao navegar pelos sites de relacionamento a presença sutil e inteligente das propagandas e conceitos pré-formados de algumas marcas. No Orkut, há empresas que utilizam o site de relacionamento como ferramenta de relações públicas ou mesmo de pesquisa de comportamento, fazem isso através da criação de comunidades.

## 5. REFLEXÕES SOBRE A AMIZADE ATRAVÉS DOS TEMPOS

*O que é um amigo? Uma única alma habitando dois corpos.*

Aristóteles

Para fazer uma análise e entendimento mais coerente das questões da amizade, farei um breve estudo sobre o tema, buscando subsídios para isso na tese de doutorado de Schwertner (2010). Em sua tese (p. 74), ela fala do livro *Genealogias da Amizade* (2002), de Ortega, o qual faz uma análise dos discursos e práticas sociais da amizade no Ocidente, desde os gregos até o século XX, fazendo uma abordagem histórico-genealógica. Esse estudo investiga os laços de amizade como manifestações que não são uniformes no tempo e no espaço, ao contrário se modificam constantemente.

De acordo com a autora:

Ainda que as variações sejam muitas e as características e denominações para relações de amizade no Ocidente sejam as mais diversas, é possível identificar algumas correntes de pensamento, com suas características próprias. Há uma tradição clássica na história da amizade, que se poderia chamar de aristotélica-ciceroniana, em referência a dois estudiosos da amizade: Aristóteles (na tradição grega, por volta de 350 a.C) e Cícero (na Roma Clássica, 100 a. C.). Ambos pregavam a existência de uma amizade perfeita, harmônica e pura: a *teleia philia*, para Aristóteles, e a *amicitia vera*, para Cícero. (SCHWERTNER, 2010, p.74)

Na mesma linha de Aristóteles e Cícero, Montaigne também se referiu a amizade como algo raro, ideal e um sentimento desenvolvido exclusivamente entre pessoas do sexo masculino (Schwertner). Na Grécia homérica (VIII e VII a.C.) existia uma associação entre amigos, todos do sexo masculino, pertencentes a polis grega e a mesma classe social e articulada como vínculo de amizade: a heteria. Esses vínculos transcendiam os laços de sangue não se caracterizavam pela extensão das relações de parentesco.

Platão e Aristóteles, os primeiros a pensar as relações de amizade, trazem duas visões específicas, reforçando o conceito, Platão preocupa-se em identificar amizade como procura do conhecimento. Aristóteles, busca descrever os diferentes tipos de amizade.

Para Platão, de acordo com Schwertner (2010, p. 75) não há diferença entre amor e amizade. Em investigação a perguntas como “De que maneira nos tornamos amigo de alguém?” ou “Há finalidade nas relações de amizade?”. Ortega , fazendo referência a amizade e a filosofia diz o seguinte: “A amizade filosófica é essa procura comum de bem, em que amante e amado convergeriam na busca da verdade. “O amigo é indispensável para a filosofia” (ORTEGA, 2002, p.35-36).

Referindo mais uma vez a tese de mestrado de Schwertner (2010) e fazendo um breve apanhado histórico sobre a amizade, ela traz o conceito platônico de “primeiro amigo”- *próton philon* . “O primeiro amigo seria a idéia, o ideal, a referência da verdadeira amizade, uma essência eterna- e, a partir do *próton philon*, todas as amizades seriam cópias, até mesmo imperfeições” (*idem*, p. 76).

*Para Aristóteles o amor seria um impulso não filosófico enquanto “as.. amizades são governadas pelas artes mais elevadas da alma” (ARISTÓTELES, apud BALDINI, 2000, p.59). Aristóteles valoriza muito o conceito de amizade e a reverencia de maneira especial. Ele divide a amizade em três tipos: prazer, utilidade e virtude (LOHUIZEN-MULDER, 1977).*

A amizade perfeita – *teleia philia*- é caracterizada por virtude e benevolência, recíprocas e serviria como um fim em si mesmo e permaneceria com o passar do tempo:

As pessoas, pois, que querem bem a alguém dessa forma, mesmo sem serem retribuídos por parte do outro, chama-se benévolas: quando há retribuição, de fato, a benevolência se chama amizade” (ARISTÓTELES, apud BALDINI, p.62).

A questão política da civilização grega considerava as relações de amizade e o conceito de comunidade. Para Aristóteles, segundo Schwertner (2010, p.76) “o objetivo final da política seria produzir amizade”. De acordo com ORTEGA (2002), para os cidadãos da Grécia clássica, para além de companhia agradável, os amigos:

[...] apóiam nossa boa conduta como companheiros e como objetos da ação virtuosa; a vida compartilhada com o amigo contribui para a realização da excelência moral, base da felicidade, pois a amizade cria uma arena para a expressão da virtude (ORTEGA, 2002, p.40).

O contato com o outro é importante para a elaboração de tal virtude. Para os gregos o eu, de acordo com o autor, é caracterizado por um “campo aberto de forças:

O indivíduo projeta-se e objetiva-se nas atividades e obras que realiza e que lhe permitem aprender-se; trata-se de uma experiência voltada para fora, o indivíduo se encontra esse aprende nos outros (ORTEGA, 2002, p.42)

Em 106 a.C., para os romanos, a família passa a ser mais valorizada e as relações de amizade ficam minimizadas. Segundo Schwertner (2010), as relações pessoais que se configuravam fora do laço familiar tinham como objetivo principal considerações práticas e utilitárias: relações de amizade (*amicitia*) e de patrocínio (*patrocinium*) seriam formas de se atingir a glória e o sucesso político, depois da família e do dinheiro. Ao invés de motivações éticas e emocionais as relações baseavam-se na praticidade e no utilitarismo. Dessa forma, começa a abertura de uma distância entre a filosofia e a prática social da amizade que terminará com o final da era cristã.

Os romanos, na relação entre amizade e Estado, colocam o dever com a Pátria acima do dever com os amigos. Há uma mudança de foco, segundo Ortega (2002) a política não encontra mais respaldo na amizade, podendo, inclusive, ser mesmo a antítese dela.

Para Schwertner (2010), Cícero, um destacado pensador desta época, adota a divisão aristotélica dos tipos de amizade, tomando do filosófico a noção de amizade verdadeira (*amicitia vera*). De acordo com Cícero, a verdadeira amizade existiria apenas entre os homens virtuosos e seria fundamentada no consenso entre eles, através de benevolência e afeição.

Schwertner (2010) continua referindo-se a amizade e traz Sêneca, outro romano que tratou sobre a amizade e as relações humanas. Em suas reflexões sobre amizade ele relaciona a figura do amigo à imagem do sábio. Valoriza muito as relações entre os amigos e refere-se ao processo de aprendizagem que pode acontecer através dessas relações:

[...], pois se tenho prazer em aprender é para ensinar; nenhuma descoberta poderia interessar-me, por mais útil e interessante que fosse, se eu tivesse que ser o único a lucra com ela. Se me derem a sabedoria com a condição de que eu a guarde para mim sem poder transmiti-la, eu a recusarei. Não é agradável possuir um bem quando não podemos dividi-lo (SÊNECA, 2002, p.42).

Da passagem da Antiguidade para o Cristianismo inicia uma valorização do amor, em especial o amor a Deus. Segundo Schwertner (2010, p. 79):

Santo Agostinho, o porta-voz do período cristão, apresenta a amizade em três versões: a) segundo o modelo Greco-romano, que Ortega relaciona ao momento pré-conversão de Agostinho e que diz respeito a uma espécie de “amizade sensual”. Por ser considerada com a fase de sua juventude, é considerada uma relação de amizade imperfeita e imatura; b) segundo o modelo neoplatônico, logo após a conversão de santo Agostinho que se articula ao estudo da filosofia e da “comunidade de amigos”; e c) segundo a *caritas christiana, que envolve a noção de uma amizade verdadeira (amicitia rationis)*, transcendente e desafetivada, que se desloca da amizade vivida para a amizade pensada

Segundo Ortega (2002), na *amicitia* cristã há um movimento fundamental que define a noção de amizade: o deslocamento da óptica dual - constituída pelo eu e você - para a óptica triádica - eu, você e Deus. Nessa época a metáfora familiar entra em cena, e os amigos (em nome do pai, Deus) são tratados como irmãos

A amizade se ligada à intimidade, às afeições particulares e mundanas, é vista sob suspeita. Nessa época são admitidos apenas os laços de amor universal ligados a Deus. Ortega aponta para o declínio da amizade nos meados do século XI e início do século XII, a partir de três acontecimentos: surgimento da Escolástica nas universidades de Paris e Oxford, momento em que a filosofia passa da ascese (exercício espiritual) ao discurso teórico (que atinge seu ápice com Descartes). Para o autor, a disciplina passa a ocupar o lugar das relações interpessoais. O segundo acontecimento, antecipado por Ovídio (*Em a Arte de Amar*) durante a era romana, é a predominância do amor no vocabulário das relações interpessoais, caracterizando um deslocamento da amizade para o amor cortês. O terceiro acontecimento que marca o declínio da amizade numa sociedade que busca a homogeneidade foi o surgimento da intolerância contra a homossexualidade, que é relacionado ao canibalismo e a heresia.

Schwertner (2010) coloca que durante a Renascença Montaigne retoma a noção de amizade ideal e perfeita da tradição aristotélica-ciceroniana, caracterizando-a como um “sentimento elevado, estável e sereno” Segundo a autora, Montaigne em seu famoso livro *Da amizade*, publicado por volta de 1576, o autor presta homenagem a seu melhor amigo. Nessa publicação o autor destaca as relações de amizade como um laço que uniria apenas duas pessoas, pois se trata de um investimento exclusivo em segredos e em afeições que só podem ser reservados a uma pessoa além de si mesmo (p. 81).

Considerando essa afirmação é possível perceber que nesse, caso, não seria possível haver pluralidade de amigos, pois comprometeria a dedicação total e a atenciosa dedicada a cada amigo.

A amizade para Montaigne seria rara, perfeita, singular, uma relação em que o eu é igual ao outro, uma vez que

[...] as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma a outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação. Se insistirem para que eu diga para que eu diga por que o amava, sinto que o não saberia expressar senão respondendo: porque era ele; porque era eu (MONTAIGNE, 1987, p.94).

Num período mais recente da História, a Modernidade, as relações de amizade passam a pertencer à esfera da intimidade e são incorporadas às relações de parentesco. Com a queda do Antigo Regime acontece também uma reorganização social, há mudanças nos laços a partir da constituição da família moderna (Schwertner, 2010). Para Ortega a família é definida como “...lugar de refúgio em que se escapa dos olhares de fora, lugar de afetividade em que se estabelecem relações de sentimento entre casal e filhos, lugar de atenção à infância” (2002, p.106).

A partir dessas mudanças, ao final do século XVIII, as relações de amizade se fortificam nas relações interpessoais Schwertner (2010). Para reforçar a afirmação Ortega afirma:

[...] apostar em outras formas de sociabilidade, tal como a amizade, que, não substituindo a família, possam existir como ela, e fornecer um apoio material, emocional e cognitivo que permita uma superação solidária dos riscos (ORTEGA, 2002, p.161)

Schwertner (2010) coloca que Ortega, inspirado nos estudos de Michel Foucault, faz várias reflexões sobre a amizade. Em estudos sobre a genealogia da amizade de Foucault, ele define a amizade como algo transgressor: dotada de movimento também se investe de fantasias; assim como é inquietante e perigosa, torna-se inesperada e intensa. Sua base fundamental é o cuidado e a boa distância que acaba por definir certa “arte da amizade” (ORTEGA, 1999).

Sobre as idéias de Foucault colocadas em uma de suas últimas entrevistas a Ortega, o autor defende a ideia de amizade como modo de vida. A partir de estudos sobre os relacionamentos homossexuais, Foucault empenha-se em entender a amizade para relações que contemplem outros espaços (Schwertner, 2010)

Foucault afirma, ao falar da concepção de amizade aos epicuristas: “A amizade nada mais é que uma das formas que se dá ao cuidado de si (2004, p. 239). Os amigos são aqueles que fazem parte das redes de relacionamentos sociais e que compartilham do “ocupar-se consigo mesmo”.

Schwertner (idem), afirma que os modos de subjetivação falam de um sujeito que está por se fazer, e a educação está diretamente ligada a isso. Em suas palavras, referindo Foucault (2004) diz o seguinte:

Foucault diferencia dois verbos, conforme seus estudos sobre os gregos da época clássica, dois verbos: o *educare* e o *educere*. Aponta *educare* como uma educação tradicional, professada por alguém que ensina verdades e princípios, que transmite saberes e habilidades. Já o verbo *educere*, se refere a algo capaz de “...estender a mão, fazer sair, *conduzir para fora* (...) É uma espécie de operação, que incide sobre o modo de ser do próprio sujeito, não simplesmente a transmissão de um saber que pudesse ocupar o espaço ou ser o substituto da ignorância” (SCHWERTNER, 2010, p. 86, apud Foucault 2004, p. 165-166).

É possível perceber que no *educere* de Foucault há uma valorização do outro na educação, o outro, enquanto sujeito que não se faz sozinho, se faz se houver a presença do outro, dessa forma há uma valorização das relações humanas e, por conseguinte da amizade.

Atualmente quando o real e o virtual estão presentes como é concebida a amizade entre os jovens? Há diferenciação entre amizade face a face e virtual para eles?

Na construção dessa monografia pretendo pensar a questão da amizade em relação ao ambiente do Orkut. Nesse caso acredito que haverá permeabilidade entre os tipos de amizade citados até esse momento.



Em relação à atualidade e a frenética rapidez de comunicação e informações disponíveis, principalmente pela internet, torna-se claro que vários conceitos que antes de 1990 (quando a Internet se popularizou) eram mais estáticos, hoje se apresentam em constantes movimentos de interpretações. De acordo com Yuide (2006, p.12):

Nos períodos de mudança ou crise, quando entram em conflito ou se contradizem as pressões institucionais que mantêm as coisas e as pessoas no seu lugar, cultura e consciência viram porosas e experimenta-se ansiedade ou esperança frente ao deslocamento ou as novas possibilidades de ação. Desse jeito, vão se desagregando e transformando os gêneros comportamentais que mantinham o mundo social no seu lugar.

Quais as mudanças estão ocorrendo na atualidade nas relações humanas? Como acontecem os laços de amizade entre os jovens em tempos de internet?

A palavra amizade é comumente usada nas relações sociais, pessoalmente, em grupo, em reuniões familiares, de trabalho e mais recentemente na rede mundial (web). Para Carl Rogers, a amizade é a aceitação de cada um como realmente ele é.

Afinal o que é amizade? O que é ser amigo na internet, mais precisamente, no site de relacionamento Orkut?

Na busca de respostas para essas perguntas farei algumas considerações a partir de leituras e também nas fontes da rede.

De acordo com a Wikipédia amizade é uma relação de afeição, a princípio sem características romântico-sexuais, entre duas ou mais pessoas. Em sentido amplo, é um relacionamento humano que envolve o conhecimento mútuo e a afetividade, além de lealdade ao ponto do altruísmo. Neste aspecto, pode-se dizer que uma relação entre pais e filhos, entre irmãos, demais familiares, cônjuges ou namorados, pode ser também uma relação de amizade, embora não necessariamente.

Analisando o escrito acima podemos dizer que essa definição de amizade não se enquadra no perfil das pessoas do Orkut. Penso que a maioria

das ditas amizades desse site nem se conhecem pessoalmente, muito menos tem um relacionamento afetivo de lealdade e altruísmo.

*“Está clara a intenção do Orkut em facilitar encontros amorosos ou sexuais.”*(Nicolaci-da-Costa, 2006, p.127). Na página dos ‘amigos’ são dadas prioridades às informações pessoais como: foto, nome, estado civil. Seguindo o viés da idéia da autora o Orkut, através de uma espécie de jogo, favorece relacionamentos amorosos.

No site de relacionamento percebe-se que os interesses dos amigos, muitas vezes, são parecidos e demonstram um senso de cooperação. Há pessoas que não necessariamente se interessam pelo mesmo tema, mas gostam de partilhar momentos juntos, pela companhia e amizade do outro, mesmo que a atividade não seja a de sua preferência.

De fato, mais precisamente no Orkut qual o conceito de amizade que permeia as relações? Para continuar na busca de respostas a esse questionamento, buscarei analisar as relações virtuais apresentadas nesse site de relacionamento iniciando uma possível amarração das idéias sobre a amizade.

## 5. METODOLOGIA

Para a coleta de dados sobre o que os adolescentes e os professores pensam sobre amizade e o Orkut, apliquei um questionário a um grupo de 20 alunos com idade entre 12 e 15 anos, a maioria meninas. Aos professores ofereci a todos, pois o número total é 23 e recebi 8 de volta. O primeiro modelo de questionário foi aplicado aos adolescentes e o segundo aos professores.

Nome (opcional):

Idade:

- 1- Quantos amigos você tem no Orkut?
- 2- Desses amigos do Orkut, quantos você conhece pessoalmente?
- 3- O que é amizade para você? Você vê diferença entre a amizade real e a virtual? Qual?
- 4- Quem e porque você adiciona no Orkut?
- 5- O que você olha no perfil de quem pede para ser seu amigo na rede, o que é importante nesse perfil?

Nome (opcional):

Idade:

- 1- O que significa o Orkut para você?
- 2- Quantos “amigos” você tem? Desses quantos você conhece pessoalmente?
- 3- O que é amizade para você?

- 4- Existe diferença entre amizade real e virtual? Qual?
- 5- Quais as utilidades do Orkut?

Os alunos e professores que responderam o questionário são de uma escola municipal do interior do município de Montenegro-RS. Essa escola atende o Ensino Fundamental diurno e a Educação de Jovens e Adultos a noite. Os alunos moram nas proximidades da escola, porém a instituição fica distante da sede do município em torno de 20 Km. Esse fato dificulta o acesso aos meios de comunicação tipo jornal, revistas e o acesso a internet.

A escola possui laboratório de Informática com 20 computadores em bom estado e a internet é via satélite, subsidiada por uma empresa do III Polo Petroquímico. A utilização desse laboratório, de acordo com meu ponto de vista, ainda é precário. A mantenedora coloca algumas regras rígidas de uso que são unânimes para todos os setores de informática do município, como a proibição de acesso ao Orkut e da utilização de *pen drives*

Existe agenda de uso do Laboratório de Informática para os alunos no turno oposto ao da aula, porém muitas vezes não tem profissional para acompanhar os alunos sendo os mesmos dispensados do horário.

A maioria dos professores que pegaram o questionário não devolveu, alguns justificaram que não tiveram tempo ou que esqueceram. Um consultou o site Orkut e transcreveu de lá as respostas da 1ª e da 5ª pergunta. Em relação à amizade a maioria respondeu que *“amigo é aquele que se pode contar sempre”*.

Uma professora que diz que é exímia participante do Orkut diariamente explica que: *O Orkut para mim é uma companhia que posso contar lá encontro meus amigos, converso com pessoas que foram morar em lugares mais distantes. É uma forma de estar sempre perto.*

Essa mesma professora colocou que não diferencia amizade real e virtual, pois conhece pessoalmente a maioria de seus amigos do site. Essa professora ainda referiu que em muitos momentos em que está triste, encontra nos amigos do Orkut, amparo e carinho. Diz: *eles dizem coisas que levantam o astral da gente! Em qualquer hora posso entrar lá e ver meus amigos.*

Nas respostas dos alunos foi possível perceber que valorizam a amizade como algo importante em suas vidas. Em 12 questionários foram citadas as expressões “*amizade é tudo para mim, sem meus amigos não sou ninguém*”, quando responderam o que é amizade para você. Em relação às amizades virtuais a maioria disse não aceitar quem não conhece pessoalmente. Para duas meninas de 14 anos não há diferença entre amizade real e virtual.

Em relação às pessoas adicionadas no Orkut, vários disseram o seguinte: *adiciono todos que me enviam convites e também envio vários convites sempre que posso!* Respondendo por que *adicionam eles falam que “quanto mais melhor”*.

Na pergunta: quais as utilidades do Orkut, feita aos professores houve diferentes respostas. Exemplos: *O Orkut serve para encontrar pessoas. O Orkut é um entretenimento interessante. O site diminui a sensação de solidão que às vezes sentimos, diminui as frustrações, ali posso colocar minhas opiniões sobre assuntos que não estão em meu dia a dia.*

No último exemplo citado a professora citou que participa de várias comunidades e lá discute assuntos diversos, inclusive, considera que uma comunidade da qual participa, provoca no município, através das discussões realizadas no Orkut, mudanças políticas e sociais.

A maioria dos dados apontados nos questionários revelam que o site de relacionamento Orkut é importante para as relações entre as pessoas. Em relação ao conceito de amizade, há nas respostas superficialidade. Quando a maioria diz que aceita todos, também referenciam que a quantidade é o mais importante. Em alguns questionários foi colocado que *quanto mais melhor* e colocado também que *quem tem mais amigos no Orkut é admirado*.



## 6. REFLEXÕES SOBRE A AMIZADE E O ORKUT

*“Entretanto, ainda que não saibamos o bastante sobre as dimensões sociais e econômicas da Internet, sabemos alguma coisa.”*

*(M. Castells, A Galaxia da Internet, p.9)*

A internet abre possibilidades nunca antes imaginadas. Fatos em qualquer parte do mundo são colocados na rede muito rapidamente. As informações estão disponíveis. O que isso muda em nossas vidas? O que, ou como a escola vai se aproveitar dessa avalanche de informações? E os outros meios de informação e comunicação? E nas relações sociais, o que poderá mudar/alterar?

Poderia continuar fazendo muitas perguntas, mas como diz Moran (2000, p. 11), “todos estamos experimentando que a sociedade está mudando nas suas formas de organizar-se, de produzir bens, de comercializá-los, de divertir-se, de ensinar e de aprender”. Em tempos de inconstâncias e da busca de entendimentos e principalmente aprendizagens, após a análise das redes sociais e das comunidades virtuais, busco a formação de conexões entre o que já está abordado e o que alimenta o fascínio dos adolescentes pela busca de amigos no Orkut.

Ao ver a Revista Carta na Escola (2010, p. 25), de abril desse ano me chamou a atenção a reportagem de capa, onde diz: Tecnologia: Redes Sociais. Lendo a reportagem faço algumas considerações a partir da opinião que diferentes profissionais manifestam sobre a importância das redes sociais.

As redes sociais estão mudando a forma como as pessoas se comunicam, trabalham se divertem, para melhor. Essas são palavras de Marin Giles (2010, p.24) colocando a revolução que esse instrumento vem fazendo nas reações humanas, principalmente no que diz respeito às comunicações de massa.

De acordo com Charlene Li (2010, p.25), da empresa de consultoria Altimeter Group a maior realização das redes sociais foi trazer a humanidade para um lugar que antes era frio e tecnológico.

Podemos dizer que na era da informação, essa que é caracterizada pela universalização do uso da Internet e da sua instituição como um dos mais importantes meios de comunicação. Diante disso, surgem novas formas de relacionamentos entre as pessoas, que estão emergindo e somando-se às já existentes. Refiro-me as comunidades virtuais.

São muitas e de diferentes níveis as redes sociais oferecidas na internet. São exemplos de redes de relacionamentos: o Orkut, o Facebook, o Twitter, o MySpace. Existem as redes profissionais, um exemplo é LinkedIn, entre outras com diferentes objetivos. Para esse trabalho irei transitar nas redes de relacionamento, uma vez que é onde se enquadra o Orkut.

Nesse ambiente virtual as possibilidades são muitas, a sensação de liberdade permite aos internautas promoverem-se enquanto sujeitos ou mesmo como marcas. Desse modo, desenvolver uma imagem virtual pode trazer a possibilidade ao sujeito de expressar uma identidade que não seja real, seja pretendida.

Os meios técnicos podem possibilitar às pessoas interagir uma com as outras através de distâncias temporais e espaciais, embora a natureza da interação mediada possa diferir significativamente dos tipos de interação que são típicos do face a face". (THOMPSON, 1995, p.298).

As ferramentas virtuais estão influenciando na formação da identidade do sujeito contemporâneo, uma vez que a identidade é formada e transformada através das relações que esse sujeito tem com a sociedade em que vive.



Segundo Hall (2005, p. 14) “As sociedades modernas são, portanto, por definição sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Tais mudanças ocorrem através dos avanços tecnológicos, pois provocam no sujeito a necessidade ou mesmo o desejo de utilizar determinadas ferramentas para ampliar suas possibilidades no seu meio social e fazer parte do todo, ou seja, do grupo. Há um movimento de formação de sujeito influenciado pelas transformações do mundo. Como afirma Thompson (1995, p.301): os meios técnicos possibilitam às pessoas comunicarem-se com outros de maneiras novas e eficientes, e as pessoas adaptam seu comportamento comunicativo para corresponder às oportunidades oferecidas pelo desenvolvimento

Bauman (2001), fala de uma “modernidade líquida”. Basicamente o autor propõe que o contexto atual é de uma extrema oferta de oportunidades. Conseqüentemente, a vivência contemporânea dos indivíduos, pode ser caracterizada por uma instabilidade em suas relações. Uniões que antes deveriam ser “para a vida toda”, agora não perduram no tempo, indicando uma “liquidação” também dos amores, como propõe o mesmo pesquisador (Bauman, 2004). No plano das relações pessoais prevalece o estado de “conexão” entre os sujeitos e não mais o de “relação”.

Diante da modernidade, onde os meios tecnológicos estão mais acessíveis aos adolescentes, pergunto: A participação nos sites de relacionamentos virtuais, tipo o Orkut, trazem mudanças em relação ao conceito da amizade?

## 6.1. Como definir amizade atualmente?

*“Se no presente não há amigos, façamos então que o haja daqui em diante, amigos dessa ‘amizade soberana e senhora’. É a esses futuros amigos que apelo, responda-me essa é a nossa responsabilidade. A amizade não é nunca uma coisa dada no presente, ela faz parte da experiência da espera, da promessa ou do compromisso. Seu discurso é o da oração, ela inaugura, não constata nada, não se contenta com o que é se coloca no lugar onde uma responsabilidade se abre ao futuro”.*

*Jacques Derrida*

Em capítulo anterior fiz um breve histórico da amizade através dos tempos, referenciando diferentes autores, nesse momento buscarei maior foco na atualidade. O que é então amizade?

A palavra amizade é comumente utilizada entre as pessoas, geralmente, os jovens chamam de amigos todos com os quais se relacionam. Na dissertação de doutorado Laponte faz a seguinte afirmação:

[...] em uma rede de amizades não se está imerso em um mar de condescendências e afabilidades incondicionais. Escuta-se, confessa-se, aceita-se, apazigua-se das inquietudes, mas também espera-se rigor, severidade, seriedade no discurso sobre o outro. E é justamente aí que se encerra o caráter político e transgressor das relações da amizade (LAPONTE, 2005, p. 146).

A tese de Doutorado de Schwertner traz fundamentos para traçar, algumas considerações sobre o conceito de amizade. De acordo com ela:

Em meio às modificações econômicas, tecnológicas e culturais que vivenciamos – e que atingem também as instituições como a escola – proponho que a indagação e a pesquisa podem proporcionar novas reflexões (e quem sabe, sugerir alternativas) acerca das relações na contemporaneidade (SCHWERTNER, 2010, p.52).

As relações humanas através dos tempos vêm se modificando de influenciadas pela maneira de vida de cada época. Em se tratando de amizade, Ortega afirma:

[...] constitui uma alternativa às velhas e rígidas formas de relação institucionalizadas, representando igualmente uma saída ao dilema entre uma saturação de relações, surgido da dinâmica da modernização, e uma solidão ameaçadora. (ORTEGA, 2000, p.56-57)

A amizade buscada na rede (web), mais especificamente no Orkut é capaz de diminuir efetivamente o sentimento de solidão a que o autor se refere?

Os sites de relacionamento permitem que os indivíduos “formatem” as suas identidades. Circulam ali muitos perfis falsos, os chamados *fake*, nesse ambiente como se caracteriza o conceito de amizade? No último capítulo desse trabalho farei considerações sobre isso com base nas leituras, nas respostas de questionários respondidos por adolescentes e em conversas informais entre alunos e professores dentro da escola a esse respeito.

## 7. CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES

A conclusão deste trabalho traz-me uma certeza as possíveis respostas que encontrei serão verdades transitórias. Estamos envoltos em um novo tempo, num período que muitos têm chamado de “modernidade líquida”, onde é possível ver e rever constantemente quase tudo. Para as relações humanas, o acesso a tecnologia traz inúmeras possibilidades. É possível conversar com outras pessoas rapidamente através do telefone celular ou da internet. É também possível chamar de amigos pessoas sem nunca tê-las vistos face a face.

Desde o início minha investigação perseguia o conceito de amizade no site de relacionamento Orkut. Como professora, atualmente no exercício da direção de escola, percebi entre os alunos, os comentários sobre esse site de relacionamento. As meninas tirando fotos abraçadas, sorridentes, felizes para colocar na página da web. Ao integrar-me com elas em alguns momentos perguntei por que elas colocavam suas fotos lá. Foram unânimes em responder que era para serem vistas! Nessas conversas aproveitei e perguntei como elas formavam suas redes de amizade. Uma respondeu: “Aceito todo mundo, tenho muitos amigos!”. Outra disse que “geralmente aceito todos, mas às vezes, quando tenho dúvida visito a página de quem está me mandando o convite para ver quem é”. Ao ouvir isso, perguntei se essa “visita a página”, informa o que ela quer saber. A resposta foi à seguinte: Pela foto aceito o convite, se não tem foto não aceito. Nessa resposta pode-se perceber que ela não cogita em nem um momento, a possibilidade da foto ser falsa. O simples fato de existir uma imagem é decisivo para o convite ser aceito.

É perceptível nas respostas desse público adolescente (entre 12 e 15 anos) com o qual dialoguei, que não há uma reflexão profunda sobre o sentido da amizade nesse site de relacionamento, Todos deixaram transparecer que o importante é estar lá ver e ser visto.

As respostas ao questionário aplicado aos adolescentes de uma escola municipal da área rural de Montenegro em relação às amizades no Orkut revelaram algumas curiosidades. A maioria desses adolescentes tem pouco contato com a internet. Um deles acessa a rede em lan house quando se desloca da localidade para a sede do município, mas ele é enfático em afirmar: “só acesso para ver meu Orkut, aceitar amizades e mandar mais convites, acho isso legal”, conclui. Outra coloca que se sente moderna e adora colocar fotos em sua página.

Nas respostas de modo geral, percebi que não há sentido afetivo/emocional nas amizades aceitas no Orkut, eles dão a impressão de que o objetivo é apenas numérico, uma espécie de competição entre eles por maior número de “amigos”. Aqueles que se encontram pessoalmente na escola comentam sobre o seu perfil, suas fotos e curiosidades. Quando perguntados de como aceitam um convite a maioria diz que apenas clica no “sim”. Não demonstram preocupações em relação ao perfil, a veracidade de informações da outra pessoa Para esses adolescentes, que têm um número de “amigos” que se encontram face a face e que também são amigos virtuais, eles não fazem distinção. Quando perguntado se eles colocam a verdade em seu perfil eles não escondem que mentem. Alguns dizem que apenas “omitem”. Nesse caso, referem-se principalmente a idade. Mas há outras informações que eles inventam porque dizem que pensam que o “outro” vai aceitá-lo melhor, mais fácil.

Thibes (2008), afirma o seguinte:

Quando se cria um perfil no Orkut ou em alguma outra rede social virtual, dá-se início ao processo de criação de outro “eu”. Talvez não outro eu integral, mas pedaços, fragmentos desse eu, os quais vão sendo mobilizados para criar uma identidade na rede (THIBES, 2008, p 8).

Colocando mais sobre a maleabilidade que os sites de relacionamento permitem em relação à “criação de identidades pretendidas”, Thibes acrescenta:

[...] a resposta a “quem sou eu”, no Orkut, representa o processo de constante invenção e reinvenção de *selves*. A resposta para “quem sou eu” pode ser alterada quantas vezes o usuário quiser, assim como a idéia que ele tem de si. Além do que o próprio usuário acrescenta ao seu perfil, há o produto das interações, isto é, os recados, comentários e depoimentos que os amigos fazem em sua página. Assim o processo de “construção do eu” na rede, embora pareça um exercício solitário e individualista, ocorre mediante a interação dos participantes (THIBES, 2008, p.9).

A liberdade que o Orkut oferece em relação à identidade atrai os adolescentes para a rede. A maioria não se preocupa com quem adiciona como amigo e também admite que o perfil colocado lá para eles também é bastante fictício.

Não foi manifestado nas conversas e nem nas respostas dos questionários preocupações com perfis falsos ou com possibilidade de algum tipo de violência que pudesse vir a acontecer a partir de uma amizade do Orkut. Todos afirmaram que, mesmo adicionando desconhecidos em sua lista de amigos, não dão informações confidenciais tipo telefone e endereço.

Perguntados por que adicionam “*amigos*” que não conhecem pessoalmente a maioria responde que é pelo status numérico “ a pessoa com muitos amigos é mais admirada”. Percebe-se aí uma necessidade de afirmação e aceitação enquanto sujeito.

Segundo (Nicolaci-da-Costa, 2006) o Orkut, através de uma espécie de jogo, favorece relacionamentos amorosos. Um exemplo é a ferramenta chamada Crush list, conhecida como “cupido virtual”. Essa ferramenta possibilita ao orkutiano identificar perfis que lhe interessam. Quando as informações se cruzam na Crush list o próprio site manda uma mensagem:

Você e fulano têm uma queda um pelo outro! Respire fundo e considere isso: O Orkut desmascarou uma afeição mútua e mostrou as feridas gêmeas das flechadas do Cupido. Nós ajudamos na

descoberta desse amor, mas se esses corações estarão ligados, somente o futuro dirá (apud FILHO, 2004).

Apesar dos entrevistados responderem que não marcam encontros com pessoas que não conhecem pessoalmente, o próprio site instiga encontros amorosos, ficando aí uma preocupação para pais e educadores quanto a esses adolescentes realmente não se envolverem com estranhos.

Em relação à amizade real e virtual todos responderam que sabem diferenciar, disseram que o amigo “é aquele com quem se pode contar”. Alguns afirmaram que um amigo virtual pode ser considerado como verdadeiro mesmo sem ser conhecido pessoalmente. Para esses adolescentes, a rede é como uma extensão do real.

Nas respostas foi possível constatar que alguns buscam amigos no Orkut porque o risco de rejeição é menor e menos doloroso no caso de uma negação. Para isso, Thibes (2008) coloca:

[...] Sem nervosismo, constrangimentos, ou embaraços, no máximo, alguma frustração. Muito diferente de ficar sem uma resposta quando se está diretamente exposto ao olhar do outro (idem, p.9)

É possível perceber, através das respostas dos adolescentes, quando dizem por que enviam convites de amizade, que o fato de não se exporem corporalmente tem relevância. Eles conseguem através da rede mascarar a própria identidade que muitas vezes, é marcada pela timidez e pela insegurança de uma personalidade em formação.

Em relação à contemporaneidade e as relações de amizade existe a tendência do “que seja eterno ou intenso enquanto dure”. De acordo com Thibes (2008)

A “sociabilidade cômoda” existente no Orkut, apesar de permitir um maior conforto nas interações, de facilitar os contatos, as relações fluidas e efêmeras e promover uma comunicação rápida, não deixa de mobilizar emoções intensas (idem, p.68)

Nos contatos que mantenho frequentemente com os adolescentes na faixa etária de 12 a 15 anos e através das respostas ao questionário sobre amizade e o Orkut percebi, que a questão da internet e do acesso ao orkut é valorizado por eles pois, sentem-se modernos, atualizados. Vale ressaltar que esse público ao qual me refiro é de uma comunidade interiorana , onde o acesso às mídias e tecnologias ainda não é popular

Analisando as respostas dos professores ao questionário constatei que eles foram técnicos em suas respostas. Para a pergunta O que é o Orkut para você? Alguns copiaram diretamente do site a resposta. Uma professora disse que “o Orkut é um momento de descontração, é um ponto de encontro com pessoas queridas que não fazem mais parte do dia a dia, é local de discussão das referências, sugestões, troca de idéias”.

A maioria dos professores diferenciou amizade real e virtual da seguinte forma: amizade real é aquela que os sujeitos se relacionam pessoalmente, onde se criam laços afetivos. Colocaram que uma amizade virtual pode se tornar real, desde que ajam encontros pessoais entre os envolvidos. A amizade virtual foi caracterizada como “uma relação que acontece somente através do computador”

Uma professora colocou que possui amizades virtuais onde é possível sentir carinho mesmo sem conhecer a pessoa face a face. Para essa professora o Orkut possibilita sensação de, mesmo não estando em contato diário, estar mais próximo de que ela gosta.

Para mim o conceito de amizade envolve carinho, confiança, respeito, cuidado. Considero importante para a construção da amizade o convívio entre as pessoas, mesmo na atualidade, quando a tecnologia ocupa espaço em nossas vidas estar junto, manter contato frente a frente, para mim é condição da amizade. Meios de comunicação como telefone, e-mails, sites de relacionamento são importantes, mas quando tratamos de relações entre pessoas, há elementos que continuam sendo insubstituíveis: como o contato frente a frente e olho no olho.



Para finalizar coloco a afirmação de Medeiros (2008) que fala do Orkut na contemporaneidade. Refere-se à pseudo-realização dos desejos dos adolescentes, a formação da identidade, das oportunidades de acesso a mídia que são buscados no acesso ao site. Acrescento, que de acordo com as respostas dos questionários e as conversas informais realizadas na escola sobre o Orkut, a afirmação também é válida para pessoas adultas com personalidade formada: os professores.

[...] fascinam-se porque desejam realizar os ideais criados nessa sociedade. (...) Não poderia haver Orkut em outra sociedade. Nem adolescentes fascinados pelo Orkut em outro tempo. Sujeito e objeto da cultura de agora (MEDEIROS, 2008, p.135).

Sujeitos e objetos de um tempo em que as relações de afeto, como muitas das demais relações, parecem estar sempre em processo de transformação, estudantes e professores encontram na virtualidade espaços de expressão do que sentem e pensam ao mesmo tempo em que, em função desses espaços, são levados a pensar e a agir de acordo com eles. Nesse sentido, mesmo diante das dificuldades de se entender e definir amizade a partir das comunidades virtuais como o Orkut, fica evidente a necessidade que todos tem de vivenciá-la, o que faz dela um valor a ser melhor observado pela escola e pela educação. Os atos de ensinar e aprender também ensinam e ajudam a construir laços de amizade, sem os quais não se pode pensar a sociedade melhor que todos buscamos.

## 8 BIBLIOGRAFIA

ALDUS, Joan. *O Intercâmbio entre Durkheim e Tönnies quanto à Natureza das Relações Sociais*. In MIRANDA, Orlando. *Para Ler Ferdinand Tönnies*. Edusp. São Paulo, 1995.

ALVES, Rubem. *Sobre Jequitibás e Eucaliptos*. In: *Conversas com Quem Gosta de Ensinar*. São Paulo: editora Ars Poética . 108p.

BALDINI, Massimo(Org). *Amizade e Filósofos*.Bauru (SP): EDUSC, 2000.

BAUMAN, Zygmunt.*Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Zahar,2001.

\_\_\_\_\_.*Amor Líquido*. Rio de Janeiro, Zahar,2004.

BEAMISH, Anne. *Communities on-line: A Study of Community – Based Computer Networks*. Tese de Mestrado em Planejamento de Cidades. Instituto de Tecnologia de Massachusetts – Estados Unidos. 1995. <<http://albertimitt.edu/arch/4.207/anneb/thesis/toc.html>> (06/12/2010).

BELLEBAUM, Alfred. *Ferdinand Tönnies*. In MIRANDA, Orlando. *Para Ler Ferdinand Tönnies*. Edusp. São Paulo, 1995.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Pesquisa em Educação Matemática**. São Paulo: UNESP, 1999.

CARVALHO, Edler R. *Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"*. 2 ed. Porto Alegre: Mediação: 2005.

CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação. A linguagem em movimento*. São Paulo: Editora SENAC, (2000).

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do Amor**. São Paulo: Gente, 2004.

DELORS, Jacques e outros. *Educação: Um tesouro a descobrir - Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez/Unesco, 1998.

DERRIDA. Anne Dufounmantelle convida Jacques Derrida a falar de hospitalidade. Tradução de Antonio Romane; revisão técnica de Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003, p.144.

DERRIDA. Jacques. *Politics of Friendship*. Translate by George Collins. New York. Verso, 1997.

DOMELES,Jonatas. *Vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade..* Dissertação de Doutorado – Pós – graduação em Antropologia. Instituto de Filosofia e Antropolgia Social da Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2008.

FAGUNDES, Lea et al. *Aprendizes do Futuro: as inovações começaram!* *Coleção Informática para a Mudança na Educação*. Ministério da Educação. Secretaria da Educação a Distância. Programa Nacional de Informática na Educação, 1999.

FERNBACK, Jan & THOMPSON, Brad. *Virtual Communities: Abort, Retry, Failure? Online* em <<http://www.well.com/user/hlr/texts/Vccivil.html>> (06/12/2010)

\_\_\_\_\_, Jan. *The Individual within the Collective: Virtual Ideology and the Realization of Collective Principles*. In JONES, Steve G. *Virtual Culture:*

*Identity & Communication in Cybersociety*. Sage Publications: Thousand Oaks, California, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa* Editora Paz e Terra. Coleção Saberes. 1996.

GADOTTI, Moacir. *A boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*. Curitiba: Pr: Nova didática, 2003.

GADOTTI, Moacir e colaboradores. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GOMES, Livia Godinho Nery. *Semânticas da amizade e suas implicações políticas: Familiarismo e alteridade entre amigos e classes populares*. Dissertação de mestrado do Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

HAMMAN, Robin. *Computer networks linking network communities: effects of AOL use upon pre-existing communities*. Online em <<http://www.socio.demon.co.uk/cybersociety/>>(13/12/2010)

\_\_\_\_\_. *The Online/Offline Dichotomy: Debunking Some Myths about AOL Users and the Effects of Their Being Online Upon Offline Friendships and Offline Community*. Mphil thesis. University of Liverpool, 1998. Online em <<http://www.cybersoc.com/mphil.html>>(13/12/2010)

\_\_\_\_\_. *Introduction to Virtual Communities Research and Cybersociology Magazine Issue Two*. Online em <<http://members.aol.com/Cybersoc/is2intro.html>>(06/10/1998).

JONES, Steven G. (org) *Virtual Culture: Identity & Communication in Cybersociety*. Sage Publications: Thousand Oaks, California, 1997

KENSKI, Vani. *As tecnologias invadem nosso cotidiano*. In: ALMEIDA Maria Elizabeth Bianconcini de & MORAN José Manuel (orgs.). *Integração das Tecnologias na Educação*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

LEVACOV, Marília. *Bibliotecas virtuais: (r)evolução?*. *Ci. Inf.*, Maio 1997, vol.26, no.2. ISSN 0100-1965

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Editora 34. São Paulo, 1999.

LITWIN, Edith. *Tecnologia educacional: políticas, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MARTINS, Fábio. In: PRETTO, Nelson De Luca & TOSTA Sandra Pereira (organizadores). *Do MEB à WEB: o rádio na Educação*. Autêntica Editora, Belo Horizonte: 2010. Coleção Cultura, Mídia e Escola.

MEDEIROS, Rosângela de Araújo. *A relação de fascínio de um grupo de adolescentes pelo orkut. Um retrato da modernidade líquida*. Dissertação de mestrado – Pós – graduação em educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

MEDITSCH, Eduardo Barreto Vianna. *Informação e Magia - A nova era do rádio*. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al230520016.htm>. Visitado em 23/11/10.

MORAN, José Manuel et al. *Novas Tecnologias e Mediação pedagógica*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000.

MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. Ed. Cultrix, São Paulo, 1964.

MERLO, Valerio. *Rumo à Origem da Sociologia Rural: Vontade Humana e Estrutura Social ao Pensamento de Ferdinand Tönie*s. In MIRANDA, Orlando. *Para Ler Ferdinand Tönie*s. Edusp. São Paulo, 1995.

MIRANDA, Orlando. (organizador) *Para Ler Ferdinand Tönie*s. EDUSP. São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Armadilha do Objeto – O Ponto de Partida de Ferdinand Tönie*s. In MIRANDA, Orlando. *Para Ler Ferdinand Tönie*s. Edusp. São Paulo, 1995.

MORAES, M. C. *O Paradigma Educacional Emergente*. Campinas, Papirus, 1997.

MORAN, José Manuel. *O vídeo na sala de aula*. Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.

\_\_\_\_\_. *Tecnologias de comunicação e interação*. Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação, 1995. Disponível em: [www.eca.usp.br/prof/moran/novtec.htm](http://www.eca.usp.br/prof/moran/novtec.htm). Visitado em: 13/10/10.

MORAN José Manuel (orgs.). *Integração das Tecnologias na Educação*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

MORAN, José Manuel et al. *Novas Tecnologias e Mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

ORTEGA, Francisco. *Por uma Política da Amizade: Arendt, Derrida e Foucault*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. Francisco. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_, Francisco. *A Amizade como Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PACCAGNELLA, Luciano. *Getting the Seats of Your Pants Dirty: Strategies for Ethnographic Research on Virtual Communities*. *Journal of Computer Mediated Communication*, Vol 3, Issue 1. Junho de 1997. *Online* em <<http://www.ascusc.org/jcmc/vol3/issue1/paccagnella.html>> (12/08/1998)

PALACIOS, Marcos. *Cotidiano e Sociabilidade no Cyberespaço: Apontamentos para Discussão*. *Online* em <<http://facom/ufba/br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html>> (14/12/2010)

PERRENOUD, P. *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PRIMO, Alex F. T. *A Emergência das Comunidades Virtuais*. Texto apresentado no Gt de Teoria da Comunicação no XX Congresso da Intercom – Santos/SP, 27 de agosto a 07 de setembro de 1997. *Online* em <<http://usr.psico.ufrgs.br/~aprimo>> (14/12/2010)

\_\_\_\_\_. *Interação Mútua e Interação Reativa*. Texto apresentado no GT de Teoria da Comunicação para apresentação do XXI Congresso da Intercom - Recife, PE, de 9 a 12 de setembro de 1998. *Online* em <<http://www.psico.ufrgs.br/~aprimo/pb/intera.htm>>(12/08/2001)

\_\_\_\_\_. *Explorando o Conceito de Interatividade. Definições e Taxionomias*. Artigo publicado na revista "Informática na Educação", do PGIE/UFRGS. *Online* em <<http://www.psico.ufrgs.br/~aprimo/pb/pgie.htm>> (01/08/2001)

RECUERO, Raquel da C. *Comunidades Virtuais no IRC – Estudo dos Canais Pelotas, Mundo e Brasil*. Monografia de conclusão de curso apresentada para a obtenção do bacharelado em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas. Dezembro de 1998.

REGO, T.C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

RHEINGOLD, Howard. *La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras*. Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciência. Barcelona, 1994.

\_\_\_\_\_. *The Heart of the WELL*. In HOLETON, Richard. *Composing Cyberspace: Identity, Community and Knowledge in the Eletronic Age*. McGraw-Hill. USA, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Slice of Life in my Virtual Community*. Junho de 1992. *Online* em [gopher://gopher.well.sf.ca.us/00/Community/virtual\\_communities92](http://gopher://gopher.well.sf.ca.us/00/Community/virtual_communities92) em (06/10/1998)

SCHWERTNER, Suzana Feldens. *Laços de Amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital*. Tese de doutorado- Universidade do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.



SCIME, Roger. *Cyberville and the Spirit of Community: Howard Rheingold meet Amitai Etzioni. Online no gopher server da WELL: [gopher://gopher.well.com/00/Community/cyberville](http://gopher://gopher.well.com/00/Community/cyberville)* (10/1998).

SÊNECA. *As relações Humanas: a amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte*. São Paulo: Landy, 2002.

SILVA, Liliana Maria Pierezan Moraes da. *Articulando educação e tecnologias: uma experiência coletiva*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2003.

SILVA, Marco. *Internet na escola e inclusão*. In: ALMEIDA Maria Elizabeth Bianconcini de & MORAN José Manuel (orgs.). *Integração das Tecnologias na Educação*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

SMITH, Ana Du Val. *Problems in Conflict management in Virtual Communities*. In KOLLOCK Peter. e Marc Smith. (organizadores) *Communities in Cyberspace*. Routledge. New York, 1999.

STAROBINAS, Lílian. *As redes abraçam a web: tecnologia-Orkut,facebook, Ning, Twitter...As redes sociais ganham espaço entre seus alunos. Será que você pode ficar fora dela?* Revista Carta na Escola, p.25-34 edição nº 45, abril de 2010.

THIBES, Mariana Zanata. *Orkut: o público, o privado e o íntimo na era das novas tecnologias da informação. Dissertação de pós-graduação em sociologia*.- Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

TÖTO, Pertti. FERDINAND, Tönies. *Um Racionalista Romântico*. In MIRANDA, Orlando. *Para Ler Ferdinand Tönies*. Edusp. São Paulo, 1995

\_\_\_\_\_. *A Revolução Contemporânea em Matéria de Comunicação*. In MARTINS, Francisco M. e SILVA, Juremir M. da. *Para Navegar no Século XXI. Tecnologias do Imaginário e da Cibercultura*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é o Virtual?* Editora 34. São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. *As Tecnologias da Inteligência*. Editora 34. São Paulo, 1998.

WEBER, Max. *Conceitos Básicos de Sociologia*. Editora Moraes. São Paulo, 1987.

\_\_\_\_\_. *Metodologia das Ciências Sociais*. Parte 2. Editora Cortez. São Paulo, 1992.